



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



Mestrado
em Letras

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO -UEMASUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO - PROPGI PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLe**

Duana Ravena dos Santos Vieira

**A AUTOFICÇÃO NAS REDES SOCIAIS: um indicativo de novos caminhos
para a formação de leitores literários na Educação Básica**

**IMPERATRIZ
2022**

DUANA RAVENA DOS SANTOS VIEIRA

**A AUTOFICÇÃO NAS REDES SOCIAIS: um indicativo de novos caminhos
para a formação de leitores literários na Educação Básica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras – CCHSL, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho.

**IMPERATRIZ
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

V658a

Vieira, Duana Ravena dos Santos

A autoficção nas redes sociais: um indicativo de novos caminhos para a formação de leitores literários na educação básica / Duana Ravena dos Santos Vieira. – Imperatriz, MA, 2022.

110 f. ; il.

Orientadora: Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2022- Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Formação de leitor. 2. Leitura e escrita. 3. Redes sociais. I. Título.

CDU 82.09:004

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: Raniere Nunes da Silva CRB13/729

Duana Ravena dos Santos Vieira

A AUTOFICÇÃO NAS REDES SOCIAIS: um indicativo de novos caminhos para a formação de leitores literários na Educação Básica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras – CCHSL, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 05 de dezembro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

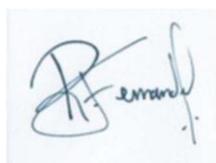
ANA CRISTINA TEIXEIRA

DE BRITO CARVALHO:

01131035739

Assinado de forma digital por ANA CRISTINA
TEIXEIRADE BRITO CARVALHO:01131035739
DN: c=BR, o=ICP-Brasil, ou=Secretaria da Receita
RFB e-CPF A1, ou=(EM BRANCO),
ou=37743132000113, ou=videoconferencia, cn=ANA
CRISTINA TEIXEIRA DE BRITO

Profa. Dra. Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora



Prof.

Dr. Rogério Fernandes dos Santos
Membro Interno da Comissão Examinadora



Prof.

Dr. José Henrique de Paula Borralho
Membro Externo da Comissão Examinadora

Dedico este trabalho à Deus, Pai Onipotente que jamais me abandona e que me fortalece sempre perante as dificuldades. À minha mãe Maria Dolores dos Santos Vieira, minha maior inspiração de vida. À minha orientadora, Dra. Ana Cristina, pessoa de luz que me acolheu e me conduziu na construção desta dissertação. Ao meu esposo Diego Duarte e aos meus filhos Matheus Vieira e Ana Liz que são a razão da minha vida, o motivo pelo qual eu me levanto todos os dias e procuro fazer o meu melhor!

AGRADECIMENTOS

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.

(Cora Coralina)

A caminhada até aqui não foi fácil, mas muitas pessoas foram sustento para os momentos difíceis, eu nunca estive sozinha e todo o apoio que recebi neste tempo de mestrado é motivo para eu agradecer!

Principio agradecendo a Deus, por abrir a porta do mestrado para mim, pois só eu, no meu coração, sei o quanto eu sonhei com este curso de pós-graduação e nem nos meus melhores sonhos, sonhei que seria algo tão especial, como verdadeiramente foi. Deus demonstrou um cuidado especial comigo durante esta jornada e eu transbordo de gratidão!

Agradeço a todos os professores e professoras que fazem o mestrado da UEMASUL, agradeço, também, a Carolina Kunz, nossa secretária, pelo suporte, atenção e respeito com que sempre me tratou.

De modo especial agradeço à Dra. Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho, minha orientadora, pessoa de uma doçura imensurável e que se dispôs a me escutar, a me encorajar e não me deixou desistir das minhas ideias, acreditou no meu potencial e na minha proposta de pesquisa e embarcou no desafio junto comigo. Professora Ana Cristina, levarei você sempre comigo!

Agradeço aos professores José Henrique Borralho e Rogério Fernandes que participaram da minha banca de qualificação e me fizeram perceber o mar (um lugar de possibilidades) que é o meu trabalho, professores com que eu pude conversar e aprender! Pessoas que me inspiram e que me fazem perceber que falta muito para alcançar o que quero ser, pois quero ser como eles!

Agradeço ao meu marido, Diego Duarte, pela compreensão, incentivo, admiração e pelas palavras de motivação. Aos meus filhos Matheus Vieira e Ana Liz Vieira por compreenderem a minha ausência, o meu cansaço e o meu estresse.

Aos meus pais, Deodato Vieira e Dolores Vieira, que diversas vezes precisaram sair de Teresina (PI) para me socorrer em Carolina (MA), porque eu precisava de tempo para estudar, além do tempo que minha mãe usou para ler

meus textos, me ajudar com trabalhos, deixando muitas vezes de fazer os seus próprios trabalhos.

Aos meus irmãos Danilo Vieira, Diala Rafaela e Deodato Neto, agradeço pelo apoio, pelas palavras de incentivo e por torcerem pelo meu sucesso. À minha primeira sobrinha e afilhada Ana Francisca, que enche meus dias de amor! Ao meu primeiro sobrinho Gael, um príncipe cheio de energia que recarrega as minhas forças com um simples sorriso e à caçula da família Ana Rafaela, bebê guerreira que já chegou ao mundo nos ensinando sobre coragem!

Aos amigos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão que me acompanharam nessa jornada, assistiram minhas vitórias e minhas lamentações nos momentos de dificuldades e que são a minha família em Carolina (MA), eu não teria conseguido sem vocês! Todos fazem parte desta vitória, mas de uma forma muito especial eu agradeço à Elizângela, Flávia, Beatriz, Jannyelle, e Soniara que são irmãs, pessoas que eu sempre pude contar. E não menos importante são os meus meninos Fernando Chagas, Filipe, Leonardo e Gesivaldo. Quando pessoas que nos conhecem acreditam que a gente é capaz é porque realmente somos! Obrigada por acreditarem em mim!

Aos que chegaram ao Instituto e já me conheceram nos dias de pressão para sobreviver ao mestrado: Emisvaldo, Iberê e Célia muito obrigada pelo apoio e compreensão.

À equipe dirigente do IFMA - Campus Avançado Carolina, na pessoa do Diretor Geral, professor Fernando Lima, que muito colaborou na realização da minha pesquisa e possibilitou o tempo que me dediquei à escrita, muito obrigada pela compreensão!

À amiga e excelente profissional Andressa Fonseca que esteve ao meu lado neste último ano e que é a responsável pela materialização das minhas ideias no *Blog* Leitura Literária no *Instagram* e administradora do *Instagram* Divertidamente Literatura.

Aos colegas de turma, pois mesmo sem ter a oportunidade de conviver presencialmente, foi um enorme prazer conhecê-los, em muitos momentos vocês foram inspiração para mim.

À toda a equipe do Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense, especialmente, ao Diretor Pablo Santos Silva, o professor Leandro Pires e aos estudantes do primeiro ano do Ensino Médio que escolheram participar da

pesquisa e que muito me ajudaram ao longo deste processo de construção desta dissertação!

À todas as pessoas que direta ou indiretamente fazem parte desta história, pessoas que de alguma forma atravessaram o meu caminho e contribuíram com afetos, torcida e acolhimento fazendo com que eu me fortalecesse na caminhada.

Agradeço enfim, à Nazaré Duarte, “minha “madinha”, mulher de muita fé, sempre rezando por mim para que eu vencesse cada obstáculo e sonhando com a minha vitória, foi suporte para mim cuidando dos meus filhos para eu estudar, fazendo almoço nos dias em que cada minuto era precioso para terminar um trabalho ou leitura.

Gratidão!

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: A evolução da Linguagem Escrita

Imagem 2: Literatura Brasileira Autoficcional

Imagem 3: Tecnologias Digitais da Informação

Imagem 4: Checklist Literário

Imagem 5: Postagem do Instagram da autora

Imagem 6: Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense

Imagem 7: Gráfico Questionário 1

Imagem 8: Card de Divulgação da Oficina de Leitura

Imagem 9: Aluna do 1º Ano do Ensino Médio participante da Oficina de Leitura Literária no Instagram

Imagem 10: Oficina Leitura Literária no Instagram

Imagem 11: Conceito de literatura construído por um estudante na Oficina Leitura Literária no Instagram

Imagem 12: Identidade Visual do Produto Técnico Tecnológico

Imagem 13: Perfil do Instagram Divertidamente Literatura

Imagem 14: Primeira postagem do *blog*

Imagem 15: Card publicado no Blog Leitura Literária no Instagram

Imagem 16: Autora da Dissertação no espaço de leitura da Oficina Leitura Literária no Instagram

SUMÁRIO

RESUMO	12
RESUMEN	13
1 INTRODUÇÃO	15
2 A LEITURA NO BRASIL	25
2.1 A leitura literária nas escolas do Brasil	31
2.2 Literatura Clássica x Literatura Contemporânea.....	34
2.3 A escrita de si: na rota da autoficção.....	38
2.4 A autoficção: dos livros para o <i>Instagram</i>	44
3 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE....	49
3.1 Quem é o leitor literário?.....	52
3.2 As tecnologias digitais e a formação do leitor literário.....	56
4 A AUTOFIÇÃO E O INSTAGRAM: entrelaçando conceitos e ideias ...	60
4.1 A leitura e a escrita no Instagram.....	63
4.2 Traços de autoficção presentes no Instagram.....	65
4.3 O Instagram impulsionando a formação de leitores literários.....	67
5 RETRATOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS	70
5.1 Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense.....	71
5.2 Trilha Metodológica.....	72
5.3 Análise dos Resultados – Fase I: Base Teórica.....	74
5.4 Análise dos Resultados – Fase II: Pesquisa de Campo.....	75
6 CRIAÇÃO DO <i>BLOG</i>: LEITURA LITERÁRIA NO INSTAGRAM	82
6.1 Por que um <i>blog</i> ?.....	85
6.2 Processo de criação: Passo a passo.....	88
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES	93
ANEXOS	102

Não se pode dizer que literatura é aquilo que cada um considera literatura? Por que não incluir no conceito de literatura as linhas que cada um rabisca em momentos especiais, como o poema que seu amigo fez e enviou para a namorada, e não mostrou para mais ninguém? Por que não chamar de literatura a história de bruxas e bichos que de noite, à hora de dormir, sua mãe inventava para você e seus irmãos? E a fanfiction que dá vida mais longa a personagens de romances e de novelas mais antigas? Por que não seriam literatura os poemas que a jovem poeta escreve no computador, põe na internet e convida os internautas a lerem?

(Marisa Lajolo)

RESUMO

O estudo busca sensibilizar escolas, professores de português/literatura e estudantes para a relevância da formação de leitores literários na contemporaneidade, destacando a importância do estímulo e motivação à leitura literária na Educação Básica e a criação de estratégias associadas ao uso do Instagram como espaço de leitura e escrita. A autoficção é um novo modelo de escrita de si na literatura contemporânea e possui características que também podem ser encontradas no Instagram. Nessa perspectiva, o principal desafio deste estudo é construir a relação entre autoficção – *Instagram* – formação de leitores literários, ao tempo em que demonstra que as aulas de literatura podem ser mais significativas e com melhores resultados se parte de algo que os estudantes conhecem e gostam. A formação do leitor literário em tempos de tecnologia digital é um desafio e este trabalho sugere novos caminhos a partir de reflexões sobre o mundo contemporâneo. Nos dedicamos a compreender os aspectos da leitura com Lajolo (2012), Zilberman (2012) e Cosson (2014). Em seguida, voltamos os nossos olhares para o universo da literatura contemporânea, especialmente, às especificidades da autoficção tomando como referência os principais estudos realizados por autoras (es) como Leffa (1996) que trata sobre aspectos referentes à leitura e escrita; Lejeune (2008) e Perrone-Moisés (2016), que fala da escrita de si e Doubrovsky (1977), Klinger (2008) e Afurch (2012) com abordagens sobre autoficção. À continuidade, trataremos das redes sociais como estratégia para a formação de leitores literários, discorrendo sobre todo o histórico das redes sociais e da implementação de tecnologias na sala de aula, delimitando o espaço da tecnologia na contemporaneidade com base nos autores Terra (2015) e Colomer (2003). Dessa forma, as discussões tecidas neste trabalho, sobre a escrita de si, a autoficção e o Instagram como suporte de leitura nos indicam novos caminhos para a formação de leitores literários em tempos de tecnologia digital. Por fim, esta pesquisa se materializa através da criação do Produto Técnico Tecnológico – PTT, denominado: *Blog Divertidamente Literatura*, que reúne explicações acerca da autoficção, trechos de autores que pesquisam a temática, desafios literários, entre outros.

Palavras-chave: *leitura; literatura; formação de leitores; autoficção; Instagram.*

RESUMEN

El estudio busca sensibilizar escuelas, profesores de portugués/literatura y estudiantes para la relevancia de la formación de lectores literarios en la contemporaneidad, destacando la importancia del estímulo y motivación a la lectura literaria en la Educación Básica y a la creación de estrategias asociadas al uso del *Instagram* como sitio de lectura y escrita. La autoficción es un nuevo modelo de escrita de si en la literatura contemporánea y posee características que también pueden ser encontradas en el *Instagram*. En esa perspectiva, el principal desafío de esta investigación es construir una relación entre autoficción – *Instagram* – formación de lectores literarios, al tiempo en que demuestra que las clases de literatura pueden ser más significativas y obtener mejores resultados se partimos de algo que los estudiantes conocen y les gustan. La formación del lector literario en tiempos de tecnología digital es un desafío y esto trabajo sugiere nuevos caminos a partir de las reflexiones sobre el mundo contemporáneo. Nos dedicamos a comprender los aspectos de la lectura con Lajolo (2012), Zilberman (2012) e Cosson (2014). Después, volvemos nuestras miradas para el universo de la literatura contemporánea, especialmente, a las especificidades de la autoficción tomándose como referencia los principales estudios hechos por autoras(es) como Leffa (1996) que trata sobre aspectos referentes a la lectura y escrita; Lejeune (2008) y Perrone-Moisés (2016) que hablan de escrita de si y Doubrovsky (1977), Klinger (2008) y Afurch (2012) con abordajes sobre autoficción. A la continuidad pasamos a hablar de las redes sociales como soporte de lectura y estrategia para la formación de lectores literarios, descorremos sobre el histórico de las redes sociales y sobre la implementación de tecnologías digitales en las salas de clase, delimitando el espacio de la tecnología en la contemporaneidad con base en autores como Terra (2015) y Colomer (2003). De esa manera, las discusiones tejidas en este trabajo sobre la escrita de si, la autoficción y el *Instagram* como soporte de lectura nos indican nuevos caminos para la formación de lectores literarios en tiempos de tecnología digital. Por fin, esta investigación se materializa a través de la creación del Producto Técnico Tecnológico – PTT, denominado: Blog Divertidamente Literatura, que reúne explicaciones sobre autoficción, trechos de autores que pesquisan esta temática y relacionadas, desafíos literarios, entre otros.

Palabras-clave: *lectura; literatura; formación de lectores; autoficción; Instagram.*

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa contempla um tema bastante desafiador, principalmente por ser ainda pouco explorado, porém a ideia de construir uma estratégia que auxilie os professores de literatura do Ensino Médio, no processo de formação de leitores literários foi o que nos moveu e realçou o desejo de desenvolver esta pesquisa. Podemos afirmar que a inspiração para este estudo partiu de constatações que identificamos no universo da pesquisadora, professora de letras/espanhol/português atuante na educação básica, que ao longo dos anos em sala de aula percebeu a inconsistência e superficialidade referente ao trabalho realizado com a literatura somando-se à falta de motivação dos estudantes pelos livros de literatura e ao demasiado tempo gasto explorando as redes sociais. Esses foram os impulsos necessários para decidirmos trilhar este caminho.

Não são necessários grandes esforços para perceber a desvalorização do ensino de literatura nas escolas brasileiras, e se voltamos o nosso olhar para a realidade da sala de aula das escolas de Educação Básica, podemos perceber fatos muito mais entristecedores, pois o desinteresse dos alunos pela leitura da literatura, em especial a dos clássicos (obras canônicas), e a insatisfação com as aulas propostas, neste sentido, é notável.

Pensar o ensino da literatura nos dias de hoje deve ser tarefa de professores sintonizados com as reflexões da teoria da literatura e os estudos sobre a contemporaneidade, abandonando assim, práticas que priorizam a memorização de autores e datas e que desconsideram o aluno como eventual leitor. É preciso, inicialmente, perceber que são outros tempos e por isso, a importância de inovar nas práticas pedagógicas com enfoque na formação de leitores literários. Precisamos de escolas e professores que consigam compreender, minimamente, a sociedade contemporânea, logo os estudantes da atualidade.

A leitura da literatura é fundamental para o desenvolvimento, tanto social, quanto pessoal do ser humano e precisa ser efetivamente discutida e repensada com a intenção de despertar o interesse do público, especialmente dos estudantes da Educação Básica. Nessas circunstâncias, cabe aos professores atualizarem o seu conhecimento a fim de implementarem novas práticas

pedagógicas que venham a dirimir a distância entre a literatura e o aluno-leitor. Sabemos que não sobra muito tempo para os professores depois das obrigações com a escola, mas atualização e qualificação precisam ser constantes na vida dos profissionais da educação.

A princípio, a ideia de colocar a literatura como protagonista do processo de formação de leitores é um passo importante para a formação integral do cidadão, pois confirma a importância do planejamento das aulas de literatura, da qualificação dos professores de literatura e da implementação de novas estratégias que facilitem o processo de formação de leitores literários com base no uso dos mais variados suportes, se queremos formação integral nas escolas brasileiras não podemos deixar de lado as aulas de literatura.

Considerando a profusa discussão dos temas envolvidos no processo de formação de leitores, decidimos nos dedicar à relevância de estratégias que facilitem o processo de formação de leitores literários, pois acreditamos que este é um campo ainda carente e que precisa ser explorado com mais profundidade. Portanto, o nosso desejo, nesta pesquisa, manteve o foco nas estratégias pedagógicas que despertem o interesse pela leitura literária e que utilizem espaços tecnológicos, especialmente, a rede social *Instagram*.

Para fundamentar essa proposta, esta pesquisa seguiu um trajeto que buscou explorar a escrita e leitura dos estudantes do primeiro ano do Ensino Médio em suas redes sociais, considerando que se trata de um espaço virtual onde se posicionam, escrevem e leem por puro prazer, sem a obrigação que pesa e causa desinteresse na sala de aula. Ao tempo em que colocamos os estudantes na posição de protagonistas temos a oportunidade de revelar o potencial literário de cada um. Sutilmente, fomos inserindo atividades que envolviam a escrita e leitura no Instagram nas aulas e oficinas, que foram realizadas durante a coleta de dados desta pesquisa e os resultados destas práticas serão apresentados nesta dissertação.

Assim, pensando na formação de leitores literários na contemporaneidade, este estudo se dedicou a observar o que eles escrevem, o que postam e como recepcionam as postagens dos colegas e de personalidades, sendo este o ponto de onde partimos para despertar um novo olhar para os conteúdos e obras de literatura, porém com as leituras, pesquisas e vivências

outros caminhos criativos foram surgindo, caminhos estes registrados nesta pesquisa.

Já é sabido que o mundo vive um acelerado desenvolvimento que se deve, especialmente, aos avanços tecnológicos e à velocidade com que se dá a comunicação entre os sujeitos em qualquer parte do planeta Terra. Mas, especialmente nos últimos dois anos (2020/2021) em que enfrentamos a pandemia de Covid-19, notoriamente, houve um grande salto no que diz respeito à utilização das redes e da internet em geral, nas salas de aulas. Conseqüentemente, a escola não pode ficar alheia às mudanças e às crescentes demandas por tecnologia, ela precisa buscar meios de atendê-las e implementá-las no ambiente escolar, em todos os componentes curriculares, inclusive a literatura.

As tecnologias digitais atraem a sociedade contemporânea, especialmente os estudantes da Educação Básica, pois são gerações do Século XXI que já nascem com inteligência tecnológica e que permanecem conectadas às inúmeras redes sociais boa parte do dia. Por sua vez, estas redes se tornaram ferramentas poderosas na difusão de diversos conteúdos e assuntos, favorecendo a construção de uma inteligência coletiva, pois a informação vem para todos com facilidade, considerando a gama de informações que recebemos através da internet, como estudos, descobertas, notícias do mundo inteiro, literatura e muito mais, sem que precisemos fazer grandes esforços.

O uso exacerbado de espaços virtuais, por estudantes da Educação Básica, tem provocado mudanças no comportamento dos professores(as), principalmente de línguas e literatura. Diante deste comportamento, cada vez mais, tem sido necessário pensar práticas pedagógicas e metodologias inovadoras e associadas a esse universo digital em que estamos imersos, buscar estratégias que tragam para a sala de aula as diferentes mídias, em especial, as redes sociais. Durante a pandemia, professores do mundo inteiro precisaram se conectar, aprender a utilizar ferramentas virtuais e tecnológicas e a tendência é que as ferramentas tecnológicas ocupem cada vez mais espaço na vida das pessoas e dentro das escolas.

Nessa perspectiva, com o advento da internet e a facilidade de acesso às redes na contemporaneidade, passamos muito mais tempo conectados. Além de atrativas, existem muitas opções de redes sociais gratuitas e o *Instagram* é uma

delas. Embora as redes sociais tenham objetivos específicos e não tenham sido criadas especificamente para serem ferramentas educacionais, convertê-las em aliadas ao processo de formação de leitores é extremamente relevante. Logo, é preciso enxergar as possibilidades a favor da educação, por isso, utilizar as redes sociais em sala de aula se mostrou um recurso potente, ocasionando mudanças de comportamento dos estudantes no que diz respeito ao olhar para a leitura literária e para o processo de formação de leitores literários. Claramente, ler e escrever no *Instagram*, espaço que os estudantes, em sua maior parte, já dominam, é expressivamente mais encantador e estimulante.

Reforçamos que a leitura de textos literários por outras vias metodológicas tem se mostrado ineficaz, há algum tempo. As leituras obrigatórias, as leituras de livros clássicos, volumosos e pouco atrativos em sua forma mais simples não tem funcionado na sala de aula e ainda ocasionam experiências ruins de leitura que distanciam ainda mais os estudantes do universo literário. Conforme Lajolo (2011) “O que fazer com ou do texto literário em sala de aula funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas”. O texto literário precisa ser abordado pela sua essência, o seu conteúdo e não somente, pelas características literárias que os professores esperam que os estudantes memorizem. Quantas vezes paramos para discutir como serão desenvolvidas as aulas de literatura?

O despertar para um novo olhar e o engajamento de professores que priorizem a formação de leitores literários é necessário, visto que, por muitas vezes, o conteúdo de literatura esteve em segundo plano na sala de aula, e até o momento não identificamos uma proposta definida para as aulas de literatura, logo o que se faz na sala de aula com o texto literário parece não ter um propósito, ou planejamento claro e sistematizado e, não culpamos o professor por isso, mas sim o sistema. Para alcançar uma visão sob a perspectiva que esta pesquisa sugere é preciso antes de tudo, refletir sobre os dados de leitura do Brasil e paralelo a isso, pensar na formação dos professores que atuam em sala de aula.

Pensar a formação de leitores literários é, sem dúvida, focar na importância do papel da escola como fator fundamental para que esse processo aconteça de forma significativa. Segundo Foucambert (1994), “a formação de leitores exige um contexto de leiturização”, ou seja, é primordial que os professores e toda a

comunidade escolar criem condições para que a leitura esteja presente nos espaços em que os alunos circulam. Não se trata de algo complexo, mas de algo que exige planejamento.

A leitura é libertadora, permite que pensemos o pensamento de outro, que enxerguemos com os olhos de outro, e isso implica aprendizagem. Dialogamos com o autor, posicionamo-nos. E a escola deve entender e conduzir o trabalho com a leitura literária como um diálogo com a alteridade, onde o aluno deve mostrar-se, onde o aluno é protagonista. Raras vezes a escola e todo seu aparato provocam boas lembranças de leitura. As atividades pedagógicas provocam tédio, pois são vivenciadas com aprisionamento, controle e obrigação. A leitura parece ficar do lado de fora, porque os professores não a incorporam ao universo do ensino.

Para formar leitores, a escola - na figura do professor - precisa transformar aquilo que vem de dentro, suscitado pelo literário, no que vai ser colocado para fora dentro da sala de aula. Em lugar de ensinar literatura precisamos aprender com ela. Não há o que ensinar já que as obras falam por si próprias, o texto literário em sua essência ensina.

Acreditamos que esta pesquisa concebe uma nova percepção para as práticas literárias no primeiro ano do Ensino Médio, e embora, o que propomos não se limite a esta série, justificamos a escolha pelo primeiro ano simplesmente por acreditar que nesta série, temos a oportunidade ideal para transformar nossos estudantes em amantes da literatura, leitores literários, e quem sabe, escritores. Pois, na maioria das vezes, é no primeiro ano do Ensino Médio que acontece o primeiro contato efetivo dos estudantes com a literatura, ou melhor, com a leitura literária.

A nossa crença se deve ao fato de que o primeiro ano do Ensino Médio é o começo, é o início de uma história dos estudantes com a literatura e o nosso maior objetivo com esta pesquisa é fazer com que as experiências de leitura e escrita literária sejam positivas ao ponto de nossos estudantes se transformarem em leitores/escritores de literatura para além das obrigações, queremos jovens que leiam/escrevam por prazer, por puro deleite.

Antes de qualquer coisa, a leitura no espaço da sala de aula necessita vencer práticas tradicionais, ou seja, a escola precisa ampliar o universo cultural do aluno. O professor é o responsável pela tarefa de promover o encontro e o

diálogo entre o leitor e o livro. Cabe a ele articular todos os recursos, suportes e estratégias envolvidos na promoção da leitura. É evidente que cada sala de aula é única, tem um perfil e às vezes a prática que funciona em uma pode não funcionar na outra. Mas, a partir do momento em que novas práticas forem experimentadas, novas ideias para novas práticas surgirão. É uma construção contínua e infinita.

Enfatizamos que os leitores adolescentes (estudantes da Educação Básica) da atualidade têm o seu comportamento determinado por uma série de questões que merecem atenção. Cercados por um bombardeio de sons, imagens e múltiplas informações, o tempo do jovem, hoje, é marcado por publicações em redes sociais, jogos eletrônicos, entre outras formas de entretenimento. Não podemos disputar a atenção em meio a este universo.

O imediatismo das imagens trazidas pela televisão, computador, celular e *tablets*, criam possibilidades de expressão e comunicação. Cada vez mais, as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano do sujeito leitor, invadem a nossa casa, introduzindo novos modos de comunicação, o uso de imagens, de sons, de animação e a combinação dessas modalidades. Desse modo, cabe à escola trazer a realidade externa para dentro da sala de aula e cabe a este trabalho contribuir com estratégias para as aulas de literatura que objetivam a formação de leitores literários. Sugerimos estratégias para a formação de leitores literários neste trabalho, no entanto, concordamos com Lajolo (2011, p.13) na afirmação:

Técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem, e as que assim se proclamam são mistificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo intacto — quando já instalado — o desencontro entre leitor e texto.

Aclaramos que este trabalho não propõe nenhuma técnica milagrosa, mas sim, uma aproximação com a realidade vivenciada pelos estudantes. O que propomos não é uma solução para o desinteresse dos estudantes de Ensino Médio pela literatura e pela leitura, mas propomos um novo olhar para a formação de leitores literários, partindo de algo que é do interesse dos estudantes – as redes sociais, as postagens escritas e lidas por eles nos espaços virtuais - e depois, seguimos por um caminho de motivá-los a ir além, a buscar leituras literárias e inclusive, se descobrirem como escritores, por que não?

Conforme o nosso amadurecimento diante do tema, definimos que o gênero literário contemporâneo autoficção seria o nosso principal caminho, neste despertar dos estudantes para a literatura e leitura/escrita literária, já que nos últimos vinte anos o gênero cresceu e ganhou espaço, somando a isso, o fato de que muitas obras literárias brasileiras da atualidade estão sendo classificadas como autoficcionais, fazendo com que cresça a curiosidade dos leitores iniciantes por estas obras.

Nos desafiando um pouco mais, decidimos fazer uma associação entre a escrita dos estudantes no *Instagram* e o gênero Autoficção. A ideia surgiu, durante os estudos e levantamento bibliográfico, quando percebemos que a escrita dos estudantes no *Instagram* poderia conter traços característicos da autoficção. Endossou este raciocínio, a convicção de que, embora de forma inconsciente, os estudantes (e a maioria dos usuários de redes sociais), postam uma “realidade” recortada de suas vidas, constroem um perfil adequado ao público que desejam atingir e mostram de suas vidas apenas o que lhes convém para a construção da imagem ideal, características semelhantes à proposta do gênero Autoficção.

Além disso, colocamos como desafio o uso desses espaços cibernéticos como estratégias para o aprimoramento da habilidade de escrita e leitura, especialmente no tocante ao gênero autoficção. Conforme Arfuch (2012, p. 14) é “nesse universo narrativo onde o “eu” se desdobra em suas múltiplas máscaras, em uma mistura heteróclita e até impertinente, que imprime sua marca na cultura contemporânea”.

É importante perceber que a tendência a esse tipo de escrita é resultado de uma sociedade contemporânea narcisista e midiática, logo, uma sociedade de leitores cada vez mais interessada na pessoa do autor e não somente na obra, que por sua vez, encontra nas novas mídias, um fator propício a sua expansão e propagação dado o advento das redes sociais, pois é um espaço onde a escrita de si é recorrente. Por que será que o desejo de conhecer a narrativa se amplia quando é baseada em fatos reais?

A autoficção conversa com o mundo de hoje centrada nas narrativas em 1ª pessoa feitas por ela mesma, sejam reais ou ficcionais. Os relatos realizados nas redes sociais, as *selfies* postadas diariamente confirmam que, ao mesmo tempo,

cada um(a) é personagem, autor(a) e inventor(a) da realidade que vive e que transforma em si, para si e para o outro.

Ante as considerações iniciais feitas, a pesquisa apresentou a seguinte problematização: Como identificar a autoficção no *Instagram*? Qual a demanda de interesse dos estudantes pela autoficção e de que maneira ela pode contribuir para a formação de leitores literários na Educação Básica, especialmente no primeiro ano do Ensino Médio?

Estamos diante de questões inéditas e sabemos que é um grande desafio inserir um novo olhar, uma nova perspectiva, mas queremos ver a leitura literária florescer nas escolas públicas brasileiras utilizando as redes sociais como estratégia de apoio para este processo.

Dentre as dificuldades encontradas no decorrer desta pesquisa, a principal recaiu sobre a elaboração da fundamentação teórica, por ser uma proposta inédita, foi preciso realizar pesquisa dos temas relevantes e depois associá-los mediante as práticas vivenciadas pela pesquisadora, construindo as relações entre leitura, literatura e *Instagram*.

Neste contexto, Laville e Dionne (1999, p. 32) nos advertem que “[...] os fatos humanos são mais complexos que os fatos da natureza” e que “[...] submeter fatos humanos à experimentação é ainda mais complicado”. Logo, ressaltamos que, neste processo de construção da pesquisa, decidimos limitar o nosso olhar para as estratégias com ênfase na formação de leitores literários com algumas vivências práticas e reafirmamos o nosso desejo que essa pesquisa deixe rastros e trilhas abertas que possam ser continuidades do estudo que propomos.

Por meio dessa pesquisa verificou-se que a abordagem, dada pelos professores de português/literatura em relação ao processo de formação de leitores literários, afigura-se insuficiente para responder às questões trazidas por nossa pesquisa e que partem da realidade, sendo necessária, assim, uma nova forma de abordagem. Isso é o que tenta o presente trabalho, criar novas possibilidades de contato com a leitura literária, transformando a experiência das turmas de primeiro ano do Ensino Médio com a leitura literária em algo prazeroso e que vai refletir sobre todo o Ensino Médio e inclusive, quando chegarem ao nível superior.

Na primeira seção apresentamos a introdução desta dissertação, momento em que contextualizamos a relevância da pesquisa, as motivações e inspirações para realizá-la, apontamos os objetivos, as questões norteadoras e os desafios para a sua realização.

Destarte, a segunda seção aborda os aspectos da leitura desde os primórdios da humanidade até chegar à problematização da formação de leitores literários, discutindo os indicadores de leitura do Brasil, dando ênfase à contemporaneidade e à crise de leitura, evidenciando as diferenças e os valores da literatura clássica e da literatura contemporânea.

A terceira seção contempla o leitor literário contemporâneo, trilhando um caminho em que evidencia as características desse leitor, destacando os tipos de leitores. Além disso, esta seção sugere a escrita de si ou escrita autoficcional como caminho para a formação de leitores de literatura partindo do *Instagram*.

Adiante, na quarta seção apresentamos a relação entre leitura, literatura e *Instagram*, destacando a autoficção e a rede social *Instagram* como aliadas para o processo de formação de leitores literários na Educação Básica. Os conceitos de literatura, real, imaginário, escrita de si e autoficção são retomados e ampliados e um olhar cuidadoso sobre a formação de leitores em tempos de tecnologia digital é exposto neste capítulo.

Na quinta seção tratamos do percurso metodológico e das escolhas feitas para efetivar a pesquisa de campo, os dados coletados na pesquisa de campo são apresentados ainda nesta seção e relatamos a experiência vivenciada com a realização das oficinas literárias. A análise dos dados é ancorada em autores que dialogam com as questões mais relevantes da pesquisa.

Na sexta seção, apresentamos o produto técnico tecnológico, resultado desta pesquisa – o blog – Leitura Literária no Instagram, que reúne relatos de estudantes do 1º ano do Ensino Médio acerca de suas experiências com a literatura, estratégias para auxiliar o processo de formação de leitores criadas a partir da proposta desta pesquisa e da análise de dados coletados, além de diálogos, conversas, entrevistas com professores de literatura sobre o que propõe este estudo. No blog também estarão recortes de *posts* do *Instagram* da pesquisadora.

Na sétima e última seção, estão as nossas considerações finais, nas quais retomamos pontos importantes da pesquisa, demonstramos se conseguimos

responder as questões norteadoras, se foram contemplados os objetivos propostos e discorreremos sobre as limitações da pesquisa, as dificuldades enfrentadas e as necessidades de continuidade.

2 A LEITURA NO BRASIL

A leitura e a escrita existem desde as primeiras civilizações, são coisas distintas, mas praticamente indissociáveis, pois um processo atravessa o outro e vice-versa. Antes, era estática, os homens das primeiras civilizações escreviam através de desenhos em rochas e houve um longo processo de evolução, em meio à evolução da humanidade tornando os processos de leitura e escrita em algo muito dinâmico e rápido.

Foram papiros, pergaminhos, papel, cartas e tantos outros até a chegada da imprensa que logo nos apresentou o livro impresso, que o leitor poderia levar para qualquer lugar e inclusive, compartilhar. Já no século XX, o universo da leitura chega a outro patamar, pois na era tecnológica outras formas de leitura surgiram com os novos suportes de leitura: computadores, tablets, ebooks, audiolivros, redes sociais e não param de surgir novos meios de acesso à leitura.



Imagem 1: A evolução da Linguagem Escrita

Mesmo com toda a evolução no universo da leitura, sabemos que os indicadores de leitura no Brasil não são muito animadores, de acordo com a 4ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro*, o brasileiro tem uma média anual de 4,96 livro por habitante. No entanto, apenas 2,43 desses livros (menos de 3, em média) foram lidos do início ao fim, o que tende a comprometer ainda mais o índice de leitura no Brasil.

Com base nesta realidade, percebemos que o brasileiro ainda não considera a leitura uma prática diária e muito menos reconhecida por seu valor formativo. Provavelmente, parte dessa métrica se dá devido ao fato de que a leitura não é considerada uma atividade de lazer em nosso país. Muitos de nós

ainda não consideramos a leitura como uma opção para momentos de distração, similar ao que é assistir televisão, ouvir música, navegar na *internet* ou ir a um restaurante.

A autora Zilberman (1999) chama a atenção para o fato de que a leitura, antes da sociedade industrial da Europa no século XIX, era vista como um ócio das camadas privilegiadas. Assim, a leitura passou a ser considerada forma de ascensão social e o fato de não saber ler ficou vinculado ao fracasso social.

É no século XIX, por sua vez, que a escolarização se torna obrigatória. Até então, os membros da elite não deixavam de receber a educação que os preparava para exercer condignamente seu lugar na sociedade; mas não eram forçados a se sujeitar às normas de uma instituição exterior ao universo familiar ou de estrutura própria. As crianças originárias das camadas populares, por sua vez, foram igualmente acolhidas pelo sistema escolar, se bem que nem sempre lhes era oferecido ensino de qualidade equivalente. Em ambas as situações, a “ciências das letras” coloca-se na base da aprendizagem; e a leitura, abominada por Schopenhauer; é – ou deve ser – um dos primeiros resultados do encontro entre professor e aluno (ZILBERMAN, p. 25, 2012).

Logo, a escolarização passou a ser obrigatória e essa expansão da rede de ensino, sobretudo nos centros urbanos, contribuiu para estabelecer práticas de leitura responsáveis e o aumento significativo do público leitor no Brasil. Porém, esse crescimento não foi planejado e organizado e os problemas de leitura que enfrentamos hoje, são reflexos desta situação e de outras.

Essas constatações ficam ainda mais alarmantes quando acrescidos das informações estatísticas que de 2015 para 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%. Já os não leitores, ou seja, brasileiros com mais de 5 anos que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses, representam 48% da população, o equivalente a cerca de 93 milhões de um total de 193 milhões de brasileiros.

Efetivamente estamos diante de um grande problema para a educação, pois livros são educação, são informação, são cultura, livros formam cidadãos. Por isso, é urgente compreender o que ocasiona esse desinteresse pela leitura, além disso, encontrar formas de reverter o cenário de leitura no qual o Brasil está imerso. É evidente que esta pesquisa aponta caminhos para a formação de leitores literários, mas ainda estamos no começo, o problema da leitura,

infelizmente, não será totalmente resolvido com as contribuições que surgem desta pesquisa.

As questões sobre a leitura são mais antigas e complexas do que se possa recordar, e ultrapassam a questão do desinteresse. Compreender o atual fracasso da leitura no Brasil, é possível quando olhamos para trás, pois os debates sobre a crise de leitura remontam a década de 1970 do século vinte e foi multifatorial, porém é preciso destacar que o agravante foi a reforma de ensino implantada no período que não conseguiu suprir as necessidades reais das escolas e instituições de ensino.

No Brasil, o nível de consumo de material impresso – isto é, o nível de leitura – sempre foi baixo. A elevada taxa de analfabetismo até pouco tempo atrás, o reduzido poder aquisitivo de boa parte da população, a ausência de uma política cultural contínua e eficiente, a influência cada vez maior dos meios audiovisuais de comunicação de massa – eis alguns dos fatores relacionados, tornando-o ainda mais agudo. (ZILBERMAN, 2001, p. 7)

Conforme os motivos expostos, é inevitável perceber que o problema da leitura no Brasil é bem mais profundo do que parece e, houve algumas tentativas de solucionar este problema que complicaram ainda mais a situação, dentre elas: a obrigatoriedade de leitura de livros de literatura na escola, uma tentativa frustrada de movimentar a cultura literária.

No Ensino Fundamental era obrigatória a leitura de livros paradidáticos escolhidos e impostos pelo professor e depois dessas leituras, eram preenchidas fichas técnicas sobre o livro e nada mais. Nenhuma discussão, nenhuma tentativa de conectar a narrativa da obra com a realidade dos estudantes. Já no Ensino Médio a pressão dos vestibulares e a extensa lista de livros da literatura portuguesa, brasileira e regional que eram cobradas nas provas, só serviram para distanciar mais os estudantes das práticas de leitura, pois os professores pediam que lessem as obras previstas no vestibular e depois passavam listas extensas de exercícios e simulados, ou algo assim, sem dar a oportunidade de explorar a essência da obra e de aprender com ela.

Atualmente a leitura no Brasil continua fragilizada e acima de tudo, ela possui agora uma árdua concorrência dos meios de comunicação de massa, que capturam uma audiência jamais alcançada, despertam o interesse dos jovens e

invadem os espaços que deveriam ser preenchidos pela leitura literária. As tecnologias digitais estão por toda parte e como não estariam nas escolas? Nas salas de aulas? Como fica o processo de formação de leitores literários em um mundo extremamente tecnológico e digital?

A internet, sobretudo via celular, é parte do cotidiano dos brasileiros. Essa afirmação ganha ainda mais força quando sob o termo internet estamos recobrimos a comunicação e a interação digital ou mais simplesmente a cultura digital que envolve tanto meios quanto produtos, mídias sociais, blogues, vídeos e tudo o mais que pode ser veiculado digitalmente e identificado com um prefixo e- como em e-book. Tal presença tão significativa na vida das pessoas não poderia deixar de ter impactos diversos sobre o sistema literário. Mais especificamente, sobre o ensino da literatura nas escolas (COSSON, 2018, p. 147).

Precisamos fugir desse espaço de concorrência e unir a leitura, a literatura e a tecnologia no propósito de formar leitores literários efetivos, pois pensar a leitura olhando para o mundo em que vivemos, para as tecnologias disponíveis, para o interesse dos nossos estudantes pelas ferramentas tecnológicas e pela larga oferta de interações que a internet proporciona através das redes sociais, é pensar na educação básica para a sociedade contemporânea.

Em meio a este cenário caótico que é a realidade de leitura do Brasil, necessitamos encontrar caminhos e construir cenários mais promissores para o futuro da formação de leitores literários em nosso país. Vale ressaltar que existem pessoas pobres que leem, pessoas ricas que leem, pessoas que valorizam o livro físico, que compram livros e que frequentam bibliotecas para simplesmente ler, embora se trate de um grupo minoritário. Porém, leitores isolados não farão grande diferença no processo de formação de leitores literários, precisamos de um mundo de leitores, precisamos de professores e escolas leitoras e engajadas neste processo.

Para pensar um mundo de leitores é preciso compreender aspectos referentes à leitura, enxergar o conceito em sua amplitude. Assim, partimos de uma visão panorâmica do fenômeno cognitivo/social da leitura, dando ênfase ao processo de construção do sentido. Por este viés, conceituamos leitura conforme Leffa (1996):

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência,

olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo. (LEFFA, 1996, p. 10).

O conceito de leitura que nos inspirou é amplo e consistente e confirma a ideia tão conhecida e propagada por autores como Freire e Lajolo que defendem que a leitura não é um ato isolado e que a leitura dos livros sucede a leitura do mundo, somando-se os conhecimentos prévios e as experiências que cada um possui. Aprender com as práticas de leitura é ao mesmo tempo ensinar, falar das vivências individuais e compartilhar conhecimentos que cada um trás consigo em uma bagagem preciosa construída ao longo da vida.

Por essa guia percebemos que não é tão simples o conceito de leitura, além do mais é um conceito subjetivo, pois depende dos conhecimentos prévios de cada indivíduo. Assim, indivíduos distintos podem obter compreensões diferentes ao lerem um mesmo texto, cada leitor terá a sua experiência individual com o texto literário e ela será única. Esse aspecto da leitura torna a proposta deste projeto ainda mais relevante, considerando que cada leitor terá uma experiência única com a leitura e que isso também vai acontecer com a leitura no *Instagram*, cada postagem despertará sensações e sentimentos distintos em cada leitor, a maneira como cada um recebe o texto que lê é particular e a reação a ele, também.

O pressuposto de que o mesmo texto pode proporcionar uma leitura diferente em cada leitor e até de que o mesmo leitor não fará leituras idênticas de um mesmo texto, tem também levantado alguns problemas. Ainda que toda experiência com o texto que remete o leitor de algum modo a um determinado segmento da realidade seja em princípio um ato de leitura, há necessidade, pelo menos em alguns casos, de se limitar as possíveis interpretações de um determinado texto. Se alguém interpreta um poema satírico ao pé da letra, não deixa essencialmente de realizar um ato de leitura, de atribuir um significado ao texto, mas deixou de perceber que o que estava sendo refletido pelo texto não era a realidade, mas um reflexo do reflexo da realidade. (LEFFA, 1996, p. 16).

O conceito de leitura exposto e outras leituras feitas acerca do assunto levam à confirmação de que o papel do leitor é fundamental. A construção de sentido que é praticada por quem lê de acordo com suas vivências de mundo e a interação com o texto quando dialoga com o autor, questionando ideias ou preenchendo lacunas deixadas por eles.

Vale considerar que a literatura contribui significativamente para o processo de formação de leitores. Para isso, seu principal foco na escola deve ser o diálogo entre o texto e o leitor, tendo o professor como mediador, para auxiliar o aluno a ser cada vez mais protagonista dos textos que lê e escreve. Ressaltamos ainda que, o diálogo sugerido entre texto e leitor pode ser realizado por meio das tecnologias, com interações nas redes sociais, como estratégia para despertar o interesse dos estudantes e encorajá-los a iniciar o processo de se reconhecer como leitor e como potencial escritor.

Sabemos que muitos pesquisadores estão engajados nas questões pertinentes à leitura e devemos considerar também, a facilidade de acesso ao livro, pois hoje, desfrutamos de incontáveis livrarias virtuais, aplicativos de leitura, sites que hospedam obras completas, perfis literários no *Instagram* e postagens pessoais de cunho literário, dentre outros suportes que favorecem as práticas de leitura. Logo, por mais que o Brasil ainda não possua políticas consolidadas para o acesso ao livro literário, as pessoas interessadas neste tipo de leitura não estão totalmente desamparadas, pois o conceito de livro e a ideia de comercialização do livro evoluiu.

Portanto, diante deste universo de possibilidades de suportes de leitura, não podemos nos conformar com o fracasso da leitura no Brasil, precisamos encontrar saídas, caminhos, espaços e alternativas para transformar o cenário da leitura e esta pesquisa vai ao encontro desse desejo de transformação, pois sugere novos caminhos para a formação de leitores literários nas escolas de Educação Básica com um olhar na contemporaneidade, dando ênfase às leituras mediadas por tecnologia digital, especialmente a rede social *Instagram*, comumente consumida pelos adolescentes e jovens estudantes da Educação Básica.

Muitas dificuldades foram enfrentadas na construção desta dissertação, pois não existem muitas pesquisas que contemplem a temática abordada aqui,

além disso, a literatura que trata da formação de leitores em tempos de tecnologia digital, é reduzida, fizemos uma busca atenciosa e seguimos a nossa intuição, baseada em nossas experiências em sala de aula e na experiência de professores de literatura. Mas, a formação de leitores literários pode ser a solução de alguns dos problemas da educação do Brasil, pois apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, é na escola que a maioria das crianças e adolescentes aprendem a ler, é na escola que muitas vezes acontece o primeiro contato com o livro literário.

2.1 A leitura literária nas escolas do Brasil

Nesta sessão, propomos uma discussão sobre a literatura literária nas escolas do Brasil e naturalmente, muitas questões surgem sobre esta perspectiva. Há muito o que refletir sobre a leitura literária nas escolas do Brasil a começar com as seguintes questões: o professor de literatura é leitor de literatura? Como é feito o trabalho com a obra literária na sala de aula? Como as obras literárias são escolhidas para cada turma? Os estudantes são motivados/sensibilizados para as práticas com o livro de literatura? Como tem sido a primeira experiência dos estudantes com a leitura literária?

Esta pesquisa não pretende responder a estas indagações, seria muita pretensão, pois não são questões simples, é evidente que estamos diante de um assunto delicado e que o insucesso da formação de leitores literários pode ser rastreado a princípio, partindo da seguinte reflexão:

o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós — professores — também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. Mas, ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada. E o bocejo que oferecem à nossa explicação sobre o realismo fantástico de *Incidente em Antares* ou sobre a metalinguagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas* é incômodo e subversivo, porque sinaliza nossos impasses. Mas, sinalizando-os, ajuda a superá-los. Pois só superando-os é que em nossas aulas se pode cumprir, da melhor maneira possível, o espaço de liberdade e subversão que, em certas condições, instaura-se pelo e no texto literário. (LAJOLO, 2012, p. 13).

Na citação acima, Lajolo, explicita de forma clara um dos maiores problemas com a leitura literária nas escolas do Brasil, alerta os professores sobre a necessidade de leitura e escrita constante e nesta pesquisa, buscamos mais, pois além de ler e escrever, queremos explorar essas habilidades literárias no *Instagram* que é uma ferramenta digital que conecta pessoas aos mais variados assuntos. Quantos professores de português/ literatura da Educação Básica são ativos no *Instagram*? Embora a jornada dos professores seja extremamente desgastante, essa pesquisa exige um despertar para novas práticas, com a finalidade de transformar o que fazemos com a literatura na sala de aula, afinal, textos isolados de uma obra servem para quê?

A leitura literária precisa ser planejada e ter objetivos claros, por isso exige tempo. Não podemos impor ao aluno em seu primeiro contato com a literatura o que ele vai ler, pois quando seguimos por este caminho, Lajolo (2012), afirma que estamos prestando um desserviço à literatura. A formação de leitores literários necessita conhecimento e sensibilidade, uma sala de aula possui estudantes com múltiplas personalidades, gostos e interesses, é fato que uma leitura imposta neste universo tão diverso está fadada ao insucesso.

Após analisar textos que circulam na escola, Brandão (1997) afirma a mesma uniformidade: são textos retirados, geralmente, do livro didático, fragmentos de narrativas infantis que seguem uma sequência de trabalho com poucas alterações: texto, vocabulário, interpretação, gramática, proposta de redação. Tudo é visto de forma homogênea e sob a mesma abordagem, não havendo preocupação em resgatar os conhecimentos e as experiências aprendidos para o estudo de novos conteúdos (SOUZA, p. 83, 2004).

Nesta pesquisa, seguimos trilhas desconhecidas em busca de um novo que funcione efetivamente e que contribua para a formação de leitores literários, mas que seja alento para os professores de literatura que sofrem cotidianamente com o desinteresse dos estudantes pela leitura. Segundo Cavallo e Chartier (2002, p. 9) “as maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes.” Precisamos estar atentos a essa variação e acompanhá-la, pois segundo Bettelheim (1981), “a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”. É necessário construir esta relação de significado da leitura com o mundo ao redor.

Não estamos diante de uma questão simples, pois os problemas com a leitura se arrastam desde a Educação Infantil, muitas crianças não tiveram o contato com a literatura infantil na escola e não tiveram pais que lessem livros para elas ou que fossem exemplos de leitores. Seguem adiante para o Ensino Fundamental muitas vezes sem saber ler, minimamente, e não raramente, chegam ao primeiro ano do Ensino Médio com um déficit de leitura alarmante e inclusive, sem ter tido nenhuma experiência com o livro literário.

Mas, precisamos destruir este círculo de não leitura que se repete a décadas e priorizar nas aulas de literatura a formação do leitor literário. Já é considerada antiquada, de acordo com Lajolo (2012), as aulas de literatura que tratam apenas de escolas literárias e apresentam pequenos trechos de autores canônicos. Claramente, a leitura literária é mais importante, pois através da leitura se amplia a visão de mundo, se descobrem novas coisas, novos vocabulários, novas formas de falar e novos prazeres!

As frequentes referências da mídia aos poucos aficionados pela leitura existentes em nosso país e a publicação de estatística de venda de livros e de jornais também constituem um claro expoente de que não utilizamos a leitura tanto quanto poderíamos e que, de qualquer forma, não lemos muito (SOLEÉ, 1999, p. 29).

É muito relevante que a primeira experiência do estudante com a leitura literária seja prazerosa, seja leve e interessante. Pois, a partir desta primeira experiência virão, ou não, as próximas. Não queremos deixar toda a responsabilidade para a escola, nem para os professores de português/literatura, mas não podemos negar a importância destes para o processo de formação de leitores literários. Evidentemente que os professores são as maiores inspirações para os estudantes e, provavelmente, as leituras que o professor fizer e partilhar em sala serão lidas também pelos estudantes e, através deste movimento, o número de leitores aficionados poderá crescer, assim como a compreensão da importância do ato de ler.

Quando falamos da leitura literária na escola e rememoramos os diálogos que fizemos com os estudantes de primeiro ano do Ensino Médio durante a pesquisa, nos sentimos desanimados. As vozes afirmam que às vezes o Ensino Médio termina e simplesmente não acontece a primeira experiência com o texto literário e as justificativas são várias. Em outros casos, a experiência provoca um

distanciamento ainda maior dos estudantes com o universo literário. Mas, insistimos! Pois, o sentimento de inovar e mudar o cenário da formação de leitores literários é ainda maior, ganhou mais sentido, pois as dificuldades que imaginávamos existir são reais e maiores. Constatar que a formação de leitores literários não acontece efetivamente na Educação Básica, nos impulsionou na busca por soluções.

2.2 Literatura clássica x literatura contemporânea

Antes de discorrer sobre a temática desta subseção, acreditamos que seja relevante apresentar o conceito de literatura, ou alguns conceitos que foram orientadores para a escrita desta dissertação, pois até mesmo os conceitos para literatura são diversos e em alguns pontos divergentes, fato que comprova a grandiosidade do termo em sua essência.

Etimologicamente a palavra literatura vem do latim *litteratura* (escrita, gramática, ciência), forjado a partir de *littera* (letra). Para Jouve (2012), “a literatura designa, então, a cultura e, mais exatamente, a cultura do letrado, ou seja, a *erudição*. Ter literatura é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras”.

Ressaltamos que a literatura além de refletir a realidade vista pelos olhos dos artistas, é um veículo de disseminação de ideias e, independentemente de seu teor, causa determinados impactos e sensações no imaginário de seus leitores. Ítalo Calvino, certa vez, conceituou literatura com critérios estéticos e subjetivos, dando-nos uma acepção artística, diferenciando-se das definições sustentadas pela crítica literária e ensinadas em sala de aula. De acordo com Calvino:

A literatura segue itinerários que costeiam ou transpõem as barreiras das interdições, que levam a dizer o que não podia ser dito; inventar em literatura é redescobrir palavras e histórias deixadas de lado pela memória coletiva e individual. (CALVINO, 1977, p. 77).

Os dois conceitos de literatura que apresentamos são complementares e representam perfeitamente a ideia de literatura que acreditamos, um conceito

inacabado e dinâmico que se altera com o passar do tempo e mediante a necessidade do ser humano de se expressar, de extravasar suas emoções.

Nesta pesquisa, o nosso olhar se voltou para a literatura contemporânea pelo simples fato de ser mais presente no universo de pesquisa que elegemos, entretanto, a oportunidade de discutir e desmistificar a ideia de que a literatura clássica possui valor superior à literatura contemporânea é fundamental para compreensão de algumas escolhas que fizemos ao longo da pesquisa.

Não faz muito tempo que os estudiosos da literatura, mesmo diante de inúmeras tentativas de desconstrução desta ideia, ainda proclamavam pelos quatro cantos do mundo sobre a existência de um cânone literário que compreende obras clássicas e de extremo valor para a literatura.

Além disso, recordamos que para uma obra ou um texto ser considerado literário ele precisa ser institucionalmente eleito como tal. Ou seja, além de possuir qualidades literárias, a obra precisa ser avaliada pelos críticos literários, fato que faz com que bons livros que circulam entre leitores não sejam ainda considerados obras literárias e este fato nos faz pensar sobre as produções escritas de nossos estudantes: o que eles escrevem não é literatura? Não pode ser?

Discussão ultrapassada para os tempos em que vivemos em que a contemporaneidade escorre pelos poros de autores e leitores de literatura. Não há nenhum desprestígio em uma obra de literatura que esteja relacionado ao simples fato de ser contemporânea, assim como não há nenhuma garantia de qualidade em uma obra dita clássica. Obras de prestígio deveriam ser todas que são capazes de prender um leitor em seu enredo.

A literatura clássica possui espaço assegurado e a literatura contemporânea está ainda conquistando este espaço e para ambas vale lembrar que devido à obrigatoriedade da memorização dos conteúdos estilísticos e suas periodizações histórico-literárias, porém sem qualquer incentivo à leitura da obra em si, única e simplesmente pelo prazer do ato de lê-la, é que vivenciamos este fracasso no processo de formação de leitores literários. O conceito de clássico de Calvino (2004) exprime a ideia que consideramos valiosa nesta pesquisa: Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs. A ideia de que um clássico é um livro que

nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer é, talvez, a mais completa definição de clássico que Calvino, brilhantemente, compartilha.

Já o conceito de contemporâneo, segundo Agamben (p. 62, 2009):

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (AGAMBEN, p. 62, 2009).

Compreendemos assim, que o sujeito contemporâneo é aquele que não se deixa perder a visão pelas luzes do século e consegue enxergar a obscuridade. Percebe-se o intento do autor em esclarecer que, para entender a contemporaneidade, o contemporâneo deve vislumbrar além das informações que estão explícitas. O contemporâneo é o agora que se preocupa com o passado e com a história.

Os conceitos de clássico e contemporâneo são necessários para a compreensão desta pesquisa. Embora, as estratégias construídas ao longo desta dissertação, não priorizem as questões teóricas da literatura, por mais que elas sejam necessárias, apontamos para a importância da leitura com o fim na própria leitura, a leitura interessante, prazerosa, despreziosa a princípio. Quantos de nossos alunos de primeiro ano do Ensino Médio usam *Instagram*? Quanto tempo esses estudantes costumam ficar no *Instagram* diariamente? Pensamos a leitura literária por outra perspectiva nesta pesquisa, dando espaço ao que realmente é contemporâneo. Dessa maneira decidimos nos enveredar pelos caminhos da escrita de si e da autoficção, gêneros contemporâneos e bastante discutidos na atualidade.

Terra (2015) ressalta que a leitura de autores “menores” não deve ser condenada, pois é por meio dela que os leitores chegarão aos autores legitimados culturalmente e prestigiados pelo canône escolar. Além disso, devemos levar em consideração que, a primeira experiência com a leitura literária precisa ser positiva, prazerosa. Assim, o próprio estudante buscará novas experiências.

Acreditamos que as obras de literatura autoficcionais e pautadas na escrita de si possuem espaço para crescer e serem veneradas pelos estudantes da

educação básica, especialmente do primeiro ano. Essa afirmação é feita baseada nas características de obras literárias deste gênero e na realidade dos nossos estudantes.

O texto literário pode manifestar conteúdos singulares porque não tem de levar em conta nem exigências da realidade, nem exigências da moralidade. Isso é evidente no caso das ficções – que constituem a maior porção do campo literário. Situando-se externamente à oposição verdadeiro/falso, elas não estão presas nem a uma obrigação de verdade, nem a respeitar a verossimilhança (JOUVE, p. 120, 2012).

Ao considerar as características da autoficção e a sua ascensão na cena literária mundial, mas especialmente no Brasil, reconhecemos que o leitor em formação terá mais estímulo imaginativo com este gênero literário. Ainda nesta linha de raciocínio, Terra (2015) defende que “na educação literária, o professor, respeitando o gosto literário do aluno, deve levá-lo a entrar em contato com autores e obras prestigiados institucionalmente.” Entendemos que todas as literaturas possuem valor e merecem ser lidas e discutidas com os estudantes a fim de que construam o seu próprio perfil de leitor, a fim de que sejam críticos

quanto às leituras que realizam. Nesse sentido, não podemos impedir e tampouco forçar a leitura de obras canônicas e todas as leituras que despertem o interesse do estudante precisam ser valorizadas e exploradas em sala de aula.

Destarte é preciso que haja um equilíbrio entre contemporâneo e clássico nas aulas de literatura e que além disso, as obras literárias sejam apreciadas pelo enredo, pelos sentimentos e sensações que despertam e não por questões de periodização literária apenas. Aconselhamos iniciar pelas obras que mais se aproximam dos estudantes e se possível, deixando a escolha do livro livre, respeitando a diversidade. Permitir a escolha do suporte de leitura é algo positivo também, assim como experimentar novos suportes e formas de leitura com os estudantes pode ser um passo importante rumo à formação de leitores literários.

Mas, efetivamente não existe uma fórmula com garantia de sucesso para o trabalho com o texto literário na sala de aula. No entanto, vale experimentar novos caminhos, novas formas de abordar os conteúdos de literatura em sala de aula e, é importante dar destaque à todas as literaturas, o estudante precisa ter acesso a todas, ou pelo menos à maioria delas e isso não se resume à literatura clássica e contemporânea.

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, p. 79, 2002).

A literatura tem muitos poderes, enxergá-los não é tão simples, nem mesmo nós professores conseguimos, imagina os estudantes, à flor da idade, imaturos e muitos vezes privados do acesso à leitura e sem exemplos de leitores em casa. Precisam de incontáveis empurrões, até que despertem e vejam o quanto a leitura é libertadora e o quanto ela potencializa a nossa força, os nossos argumentos.

2.3 A escrita de si: na rota da autoficção

As narrativas em primeira pessoa do singular ocupam grande espaço em nossas escritas. Autobiografias – ficcionais ou não – memórias, cartas, diários, autorretratos e, mais recentemente, autoficções constituem um universo em que o eu é a voz que fala, é o narrador que conta a sua própria experiência. Nota-se que essa escrita sobre si desperta interesse e curiosidade de estudantes que podem se transformar em leitores de literatura, por isso, o nosso interesse por esse gênero.

A autoficção é parte da vida contemporânea, pois é natural do ser humano moderno o interesse pela vida do outro, a especulação, a fofoca. Escolhemos dar destaque para a autoficção, pois nos deparamos com muitas obras contemporâneas da literatura brasileira que se classificam autoficcionais e conseguimos encontrar características deste gênero no *Instagram*, ferramenta que escolhida neste trabalho como suporte de leitura. Mas, outros fatores também contribuíram para a escolha deste gênero.

A autoficção se destaca entre as chamadas escritas de si, pelo fato de mesclar nas linhas de sua narrativa dois aspectos que, tradicionalmente, são considerados antagônicos: o real e o ficcional. O destaque é a ambiguidade dos fatos e a indecisão do leitor entre o que está sendo contado, que parte é verdade

e o que é falso. Mas, o que é real? O que é ficcional? Precisamos destes conceitos para compreender o gênero autoficção.

Ainda que disposto de maneira distinta, esse parece ser o mesmo itinerário teórico percorrido por Wolfgang Iser (2002), no intuito de definir o procedimento pelo qual o dado real e o produto do imaginário se veem entremeados nos interstícios do enunciado – procedimento que encontra manifestação contundente no âmbito da ficção literária. Segundo o teórico alemão, a aplicação dos mecanismos da ficção à literatura se daria por uma operação simultânea de “irrealização do real e realização do imaginário”, à semelhança do já descrito até aqui (ISER, 2002, p. 960). Em termos largos, isso equivaleria a dizer que embora o imaginário seja capaz de figurar “uma realidade de todo reconhecível” no interior de uma narrativa, essa mesma realidade não poderia escapar ao “signo do fingimento” que é próprio à ficção (ISER, 2002, p. 973).

Neste sentido, Iser (1996) afirma que a narrativa ficcional é detonadora de um jogo de significações que exercita o imaginário a participar de possibilidades da composição de outros mundos. É, portanto, a leitura da obra de ficção que desencadeará no leitor uma postura reflexiva e crítica com relação à realidade.

Ressaltamos que a autoficção está em evidência nas discussões da cena literária desde 1977, surgiu na França e rapidamente se espalhou pelo mundo. Atrai muitos leitores e os olhares da crítica literária que parece ainda não ter opinião definida, ou pelo menos unânime sobre este gênero comumente confundido com a autobiografia e com a própria ficção.

Assim, compreendemos que a autoficção é um gênero literário que mistura dois modelos de escrita: a autobiografia e a ficção. Desse modo, surge um modelo diferente da escrita de si, onde não conseguimos identificar na narrativa a enunciativa do “eu”, pois o embaralhamento dessas categorias não nos permite fazer tal distinção. Vale destacar que a conceituação de autoficção surgiu com Serge Doubrovsky, segundo Leila Perrone-Moisés (2016):

O termo autofiction foi criado por Serge Doubrovsky em 1977, na quarta capa de seu livro *Le Fils* [O filho]. Nos anos 1980, a França foi inundada de livros cujo assunto era o próprio autor, suas experiências, pensamentos e sentimentos. Não eram diários, porque não registravam os acontecimentos dia a dia, em ordem cronológica. Não eram autobiografias, porque não narravam à vida inteira do autor, mas apenas alguns momentos desta. Não eram confissões, porque não tinham nenhum

objetivo de autojustificação e nenhum caráter purgativo. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 204).

Acreditamos que o interesse pela autoficção, se deva especialmente, pela dualidade, essa ambiguidade e essa indagação pelo público leitor que, além de qualquer curiosidade, busca se encontrar na obra através de seu autor.

O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida dos outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno (GOMES, 2004, p. 11).

A autoficção reúne elementos relevantes da busca pessoal de cada ser humano, está relacionada ao interesse que, naturalmente, temos pela vida do outro, reiterando o que fazemos o tempo todo nas nossas redes sociais, nas plataformas de *stream* assistindo a *realities* e nas rodas de conversa com nossos amigos. A vida do outro é interessante. As especulações sobre o que está sendo lido (real ou ficção?) despertam interesse, por isso as obras de literatura autoficcionais ganham cada vez mais adeptos.

Destacamos que muitos autores consideram a autoficção como um novo modelo de escrita de si, mas podemos evidenciar que esse termo já vem sendo utilizado desde a década de setenta, portanto, não é tão novo assim. Leila Perrone-Moisés (2016) “a autoficção não é um gênero novo, apenas uma variante moderna de um gênero antigo”. Ao afirmar que seria uma variante moderna de um gênero antigo, podemos inferir que não é uma substituição do romance ou da autobiografia, mas sim um novo modelo de escrita na contemporaneidade. De acordo com Diana Klinger (2008):

O texto autoficcional implica uma dramatização de si que supõe, da mesma maneira que ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, pessoa (ator) e personagem. A dramatização supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador. Imaginando uma analogia entre a literatura e as artes cênicas, poder-se-ia traçar uma correspondência entre o teatro tradicional e a ficção, por um lado, e a arte da performance e a autoficção, por outro. (KLINGER, 2008, p. 25).

Ao contrário do que se pode imaginar, não é uma literatura vazia de sentido e significado, pois o movimento entre o ficcional e o real é instigante, permite que

o leitor crie suas próprias teorias e dialogue com o texto literário. Nesse sentido, leitura e escrita novamente se entrelaçam e é importante ressaltar a perspectiva da ilusão biográfica, ou seja, da crítica que destaca a ingenuidade de se supor a existência de “um eu” coerente e contínuo, que se revelaria nesse tipo de escrita, exatamente pelo “efeito da verdade” que ela é capaz de produzir.

Escrever sobre si é, sim, uma prática antiga. Confissões, literatura de testemunho, diários, memórias e autobiografias são exemplos desse tipo de escrita. Quando questionamos a possibilidade de representar o real pela linguagem ou relativizamos a verdade, é fácil cairmos na tentação de considerar tudo ficcional.

Outros conceitos foram necessários para que a compreensão do gênero autoficção fosse possível, pois são conceitos que nos confundem, que se aproximam em alguns aspectos, mas que não são sinônimos e dar atenção a eles fez com que um conhecimento mais profundo a respeito da autoficção fosse construído.

Nos debruçamos, especialmente, sobre os conceitos de escrita de si, autobiografia e autoficção. Além dos conceitos apresentados anteriormente de real e ficção. Com base nestes conceitos é possível compreender a essência desta pesquisa no que se refere ao gênero autoficção.

Nesta perspectiva, o conceito primeiro de autoficção foi criado pelo francês Serge Doubrovsky (1977) que afirma ser este gênero literário uma mistura de realidade e ficção, uma narrativa que oscila entre o autor e outro ficcional. Partindo da ideia de autoficção e dos aspectos que podem ser explorados dentro deste vasto universo é que se evidencia a relevância desse projeto de pesquisa.

Dando sequência Arfuch (2012) define a autobiografia como “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.”

Por último, trazemos o conceito do termo escrita de si, que tem sido muito utilizado nos últimos 20 anos por autores e críticos literários. Segundo Araújo (2011), “A escrita de si - termo que caracteriza a narrativa em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor biográfico, mas vive situações que podem ser ficcionais”.

Reforçamos que a autoficção é considerada uma das vertentes da escrita de si, cuja característica principal é a mescla entre realidade e ficção sem nenhum comprometimento com o leitor, o autor de autoficção brinca com a escrita e com os fatos reais ou imaginários que materializa em sua obra literária. Características identificadas sem muito esforço nas obras abaixo:



Imagem 2: Literatura Brasileira Autoficcional

É possível perceber, que no texto ficcional a escrita de si trata-se de uma representação do autor, e de acordo com Michael Foucault (1992) escrever é, pois "mostrar-se", dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. Desse modo, quando as narrativas são construídas o autor procura dar ênfase nas representações que lhe convém, exaltando o que ele quer que o leitor compreenda sempre se utilizando de recursos literários que mesclam o real e o ficcional, mantendo, assim, o pacto da ambiguidade.

Destacamos que na literatura brasileira muitas obras contemporâneas são classificadas como autoficcionais pela crítica literária, porém queremos evidenciar três que nos chamaram a atenção, são elas: O filho eterno – Cristovão Tezza; O divórcio – Ricardo Lísias; e Diário da Queda – Michel Laub. São obras com enredo intrigante e que possuem pontos que coincidem com informações da vida real/pessoal do autor, porém os autores citados negam qualquer veracidade de fatos relatados em suas obras a princípio, especialmente Michel Laub, que sustentou a inexistência de autoficção em sua obra por muito tempo

e esse comportamento atraiu mais leitores curiosos. Essas obras têm sido assunto da crítica literária brasileira e discutidas constantemente pelos leitores.

Parte dessa negação dos autores pode ter se dado por não conhecer muito do gênero autoficção, ou por concordar que os conceitos de autoficção e autobiografia são muito parecidos. Mas, as edições mais atuais destes livros já se assumem autoficcionais e trazem informações sobre o gênero autoficcional.

Assim, mesmo que sucintamente, precisamos mencionar o enredo de cada obra supracitada e esclarecer que as obras que ilustram esta seção foram eleitas pelo critério da leitura, são obras classificadas como autoficção e que foram lidas pela pesquisadora antes mesmo de ser seduzida pelos estudos do gênero autoficção. Mas, vale ressaltar que a escolha destes livros não foi natural, partiu de um estudo, de uma busca por obras da literatura brasileira contemporânea autoficcional.

“O filho eterno”, de Cristovão Tezza, conta sobre o dilema de um pai, escritor, cheio de projetos, casado com uma mulher incrível e o filho, fruto deste casamento, um bebê que nasce com Síndrome de Down e todos os sentimentos e desafios que rodeiam este contexto. O não saber agir e o medo do desconhecido.

Em “O divórcio”, de Ricardo Lísias, um homem casado há menos de quatro meses, após ler o diário de sua esposa, pede o divórcio. O relato é sobre o que ocorre depois desse acontecimento, reconstituído por meio de anotações, e-mails, fragmentos do diário da ex-mulher, a dor, o sofrimento e o sentimento de vingança são constantes na obra.

Já em “Diário da Queda”, de Michel Laub, o enredo conta a história de três homens de uma mesma família: o avô sobrevivente do Holocausto, o pai entrincheirado no passado familiar e um narrador hesitante entre a possibilidade de voltar às suas origens e o impulso para se libertar delas.

Os três livros escolhidos para exemplificar obras autoficcionais da literatura brasileira possuem enredos interessantes e despertam o interesse de saber o quanto de realidade tem em cada história e essa dinamicidade das obras autoficcionais é incrível. Faz com que o leitor siga buscando respostas, ou mesmo, especulando sobre a história.

Constatamos que o gênero autoficção embora novo, vem sendo estudado e questionado com frequência. Não existem muitas certezas, porém algumas

características deste gênero literário, apontam para uma semelhança com a autobiografia e nesse ponto, muitos autores discordam, alguns percebem o distanciamento entre autobiografia e autoficção e outros dizem que a autoficção não pode ser considerada um gênero, dada a fragilidade de suas características, praticamente as mesmas da autobiografia.

Rememoramos que para conceitualizar o conjunto de obras literárias que apresentam recortes da vida ou, até mesmo, descrevem as características físicas e psicológicas do autor em um contexto claramente ficcional. Saber-se fruto de uma ficção é um dos pressupostos da autoficção. Caso contrário, estaríamos diante de uma autobiografia, em que se aceita de antemão que a vida narrada corresponde à verdade dos fatos, que mantém um pacto de fidelidade com os leitores.

Autobiografia? Não, isto é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer (DOUBROVSKY, 1977, p. 10).

Caminhar pela rota da autoficção e pensar esta vertente da escrita de si como possibilidade para a formação de leitores literários na Educação Básica tem sido um grande aprendizado. Os mistérios de um gênero literário ainda em construção nos fizeram buscar em fontes incontáveis e logo, conhecer mais sobre o universo pesquisado.

2.4 A autoficção: dos livros para o *Instagram*

No início da pesquisa pouco sabíamos sobre esta subseção, tudo foi ganhando sentido quando o referencial teórico sobre a autoficção e a leitura de obras de literatura autoficcional fizeram surgir as ideias desenvolvidas e apresentadas nesta dissertação de mestrado.

O olhar para a contemporaneidade, a busca por coisas que pudessem interessar aos estudantes do primeiro ano do Ensino Médio e que fossem

favoráveis ao processo de formação e leitores literários foi constante e acreditamos que este olhar não se encerra com este trabalho, pois a pesquisa realizada apontou novos horizontes, suscitou novas ideias voltadas para a formação de leitores e o ensino de literatura nas escolas de Educação Básica.

Quando decidimos levar o *Instagram* para a sala de aula e apostamos nele como ferramenta para as aulas de literatura não tínhamos noção do que nos esperava, a única certeza é que estávamos realmente nos aproximando do universo dos estudantes. De acordo com a BNCC (2017, p. 471) “as tecnologias digitais de comunicação precisam ser compreendidas e utilizadas de maneira crítica e significativa”. Dar sentido às aulas de literatura e reforçar a importância da leitura literária na Educação Básica é crucial para o êxito da formação de leitores literários no Ensino Médio.

Mas, é preciso descrever como e por que decidimos utilizar o *Instagram* como ferramenta, por que este suporte dentre tantas redes e opções disponíveis na atualidade? E se um dia o Instagram se tornar obsoleto, este estudo se tornaria inútil? Partimos do princípio de que tanto o (a) professor(a), quanto seus alunos aprendem a partir da prática e elaboração de materiais autênticos (Vieira, 2012) e o *Instagram* além de ser, uma rede social muito utilizada pelos estudantes, é pensado neste trabalho, como ferramenta favorável à formação de leitores literários.

O *Instagram* é uma mídia social de captura e compartilhamento de fotos e vídeos, criada em 2010. É possível seguir outros usuários, ser seguido e curtir, comentar e compartilhar as publicações. Trata-se de uma mídia social emergente, “pois se constrói através da interação entres usuários, em comentários e discussões que se criam em torno das imagens” (PIRES, 2012, p. 29). Um perfil ou página no *Instagram* pode ter sua reputação medida através de fatores como número de seguidores, curtidas e comentários; o conteúdo dos comentários também influencia, pois pode exprimir opiniões positivas ou negativas.

Pelo *Instagram* é possível encontrar páginas destinadas aos mais variados temas, como moda, esporte, filmes, séries de TV e livros. Os perfis dedicados aos livros são os *Instagrams* literários, ou *bookstagram*, termo original da língua inglesa, que é a união dos termos books (livros) e *Instagram*. Para Morais (2018, p. 18), o *Instagram* literário é uma forma de disseminar “conteúdos

que são relevantes para determinado grupo de pessoas, construídos diante das particularidades e singularidades que o *bookstagrammer* possui através de suas experiências com a leitura”. Um dos principais objetivos do *Instagram* literário é divulgar os livros quando estes são lidos e os leitores se conectam à história.

De acordo com o relatório *Digital 2022*, existem cerca de 171.5 milhões de usuários de redes sociais no Brasil. Os dados foram realizados a partir de uma pesquisa de janeiro deste ano e revelam que 79.9 % da população brasileira utiliza alguma rede social no seu dia a dia. Entre as redes mais utilizadas no Brasil estão o *Whatsapp*, o *Facebook* e o *Instagram*. Ressaltamos que o *Instagram* é a terceira rede social mais utilizada no Brasil somando mais de 120 milhões de usuários.

Elegemos o *Instagram* por sua dinamicidade, pelo interesse notado dos estudantes da Educação Básica por esta rede, pelas possibilidades e características semelhantes ao gênero autoficção que desde o princípio já era considerado pilar nesta pesquisa. Perceber que as atividades desenvolvidas no *Instagram* possuem, em certa medida, características autoficcionais foi o bastante para nos dedicarmos a construir esta relação tecendo fio a fio.

No *Instagram* somos autores e leitores; lemos e escrevemos naturalmente, o tempo todo. Fazemos postagens de conteúdos e recebemos as postagens das pessoas que fazem parte da nossa rede de amigos virtuais. Mas, embora sejam ações espontâneas de cada indivíduo, ao mesmo tempo são planejadas.

O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas, ao contrário, interfere na construção dos sentidos, preenchendo os vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida (AGUIAR, p. 153, 2013).

O leitor tem participação ativa na história lida, insere suas percepções e ideologias no enredo e preenche os vazios que, porventura, detecte na obra. O leitor é livre, porém os adolescentes e jovens do primeiro ano do Ensino Médio não sabem disso. É nosso anseio ajudá-los a perceber que o protagonismo que desempenham nas redes sociais está diretamente relacionado às práticas de leitura e escrita que tanto propagamos nesta pesquisa.

Normalmente não somos avaliados pelo que lemos e escrevemos no *Instagram*, a atividade desenvolvida nessa rede é livre, despretensiosa, não provoca tensão ou qualquer outro sentimento negativo. Porém, todo o conteúdo postado no *Instagram* tem um objetivo. O que é postado é realidade ou ficção? Postamos o que realmente somos e vivemos? Ou recortamos pedaços da nossa realidade que nos convém mostrar em nossa rede social?

É fato que a atividade desenvolvida no *Instagram* possui características da autoficção. Considerando que não existe um pacto de verossimilhança na rede, que o espaço permite que desenvolvamos a nossa criatividade para chamar atenção do público que pretendemos atingir, tudo muito parecido com a autoficção.

Assim, essa proposta reafirma a autonomia do estudante para a seleção dos conteúdos relacionados à realidade vivida, realidade que “é construída mediante uma teia de eventos e fatores que ocasionam consequências encadeadas e recíprocas” (LÜCK, 1994, p. 64). Realidade que escrevemos no *Instagram* se for o nosso desejo, ou simplesmente, escrevemos uma nova história porque a real não nos apetece ou não nos sentimos confortáveis para compartilhá-la. O fato é que somos autores, temos o poder de decidir o que os leitores-seguidores poderão ver!

Durante a construção desta pesquisa, muitas vezes fomos indagadas: o que eu escrevo no meu *Instagram* é literatura? Sabemos que dizer o que é literatura é uma tarefa muito complexa e que não compete a nós essa missão. Mas, se esta pesquisa foi capaz de encorajar os estudantes a se lançarem pelo mundo da leitura e da escrita partindo das experiências com a rede social, podemos dizer que tudo terá valido à pena.

Difícilmente um aluno que chega ao ensino médio desconhece inteiramente textos escritos, logo, ele traz alguma bagagem de leitura, que pode constituir o ponto de partida do professor. Nesse sentido, as escolas poderiam valorizar a cultura trazida pelo aluno, qualquer que ela seja; e, a partir daí, fazê-lo entender a diversidade cultural. O ensino médio nem sempre leva em conta a experiência de seu alunado, obrigando-o a absorver conhecimentos científicos e técnicos de que ele abrirá mão assim que abandonar essa etapa de sua educação formal (ZILBERMAN, p. 212, 2012).

Durante o processo de construção deste trabalho nos deparamos com relatos e discursos de desinteresse, desconhecimento, traumas, experiências ruins com o texto literário na escola que impuseram centenas de bloqueios aos jovens do primeiro ano do Ensino Médio e, com esse novo caminho que propusemos, é possível ao menos esperar que a formação de leitores literários poderá, em um futuro não tão distante, experimentar uma nova fase, uma fase de crescimento e qualidade.

Coadunando com Perrenoud (2000, p. 139), “As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, especialmente, aplicáveis às aulas de literatura, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas...”. Mas, para que isso aconteça, professores e alunos precisam conhecer esses novos recursos digitais e se apropriarem deles, não só o *Instagram*, ferramenta evidenciada nesta dissertação, mas todas as possibilidades de recursos digitais, vivenciando uma nova cultura de rápida emergência e transformação social e cultural, a cultura do letramento digital, originando movimentos de aprendizagem, de compartilhamento de saberes através de tecnologias digitais e de leitura e escrita literária, explorando os mais variados suportes de leitura e buscando sempre perceber quais dinâmicas de leitura funcionam satisfatoriamente.

Estamos diante de um mundo de possibilidades que conseguem suavizar o peso da responsabilidade que é a formação de leitores literários. As atividades que propomos no *Instagram* comprovaram que o novo causa estranheza e assusta, mas o que vem depois são resultados incríveis de estudantes empolgados, motivados e encantados com o universo literário.

3 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Pensar a formação do leitor literário na contemporaneidade implica pensar o ensino de literatura nas escolas públicas brasileiras de educação básica. Reforçamos que a intenção desta pesquisa não é julgar o trabalho dos professores de língua portuguesa e literatura

Como dito anteriormente, este estudo pretende contribuir para uma reflexão sobre a formação do leitor literário na contemporaneidade. Mas, por que dar tanta atenção para a formação do leitor literário? Ao longo dos tempos, como as escolas têm formado leitores?

Os desafios e os caminhos para a formação do leitor literário na atualidade são incontáveis. Mas, acreditamos que pensar este tema é muito relevante, pois a leitura de literatura possibilita ao estudante conhecer variados mundos e desenvolver senso crítico. A leitura favorece a construção do aluno-cidadão, o autoconhecimento e a reflexão.

O exercício de refletir sobre todo o processo formador que circunda a vida do estudante, atravessado por vivências e aprendizagens escolares, na contemporaneidade de forma singular, ultrapassa a visão reducionista da aquisição de um limitado acervo de conhecimentos e informações e, para tanto, um relevante mecanismo de desenvolvimento das potencialidades a serem exploradas se converge em torno das múltiplas experiências com a leitura.

Enxergamos uma crise de leitura atualmente, constatamos muitas fragilidades que impedem o avanço na formação de leitores literários, fato que se agrava ainda mais quando pensamos nesse processo de formação dentro da Educação Básica, mas é necessário reforçar que esta crise não é só contemporânea, não se deve ao surgimento de novas e interessantes tecnologias digitais. Na verdade, existem obstáculos antigos que provocaram toda essa crise.

Ao final dos anos 1970, foi diagnosticada, às vezes de modo tão somente intuitivo, uma crise de leitura, caracterizada pelo fato de que os jovens, sobretudo os estudantes, não frequentavam com a desejada assiduidade os livros postos à sua disposição. Desde então, o tema assumiu contundência crescente, passando a ser discutido em encontros científicos, debates e comissões, com o fito de tentar corrigir o quadro (ZILBERMAN, 2012, p. 13).

Para anular todo este enredo de contemplação da crise de leitura e cumprir a proposta efetiva desta pesquisa, precisamos nos ater aos cenários futuros possíveis para a formação de leitores literários na Educação Básica, partindo da construção de uma mudança de visão e comportamento no primeiro ano do Ensino Médio.

É notória a necessidade imperativa de fazer uso proficiente da linguagem a fim de sermos capazes de agir efetivamente na sociedade. Não podemos nos distanciar da leitura como prática social (Street, 2014) e muito menos separar a leitura dos livros da leitura de mundo (Lajolo, 2012).

“Ler de mil maneiras” tem a ver também com interesses, proficiências, ideologias, esfera de atividade do leitor etc, etc. Pode-se ler para “fugir da realidade”, para “ler uma boa história e passar o tempo”, mas também para “viajar para outros lugares imaginariamente” - expressões usadas por alunos do curso de licenciatura numa pesquisa sobre o quê e por que liam -, conhecer outras experiências, aprender com elas, num processo de identidade e alteridade (REZENDE, 2019).

Precisamos desenvolver práticas e atividades com o texto literário em sala de aula, de maneira que ele atravesse o muro das escolas, ao ponto de ser natural e não apenas uma obrigação escolar. A leitura precisa contribuir para a formação integral do estudante e precisa ter sentido para eles. Por isso, este estudo nos convida a pensar caminhos, utilizando o *Instagram*, para superar os desafios para a formação de leitores literários na Educação Básica.

Araújo (2006, p.18) reforça a discussão quando pontua que “a leitura é, portanto, matéria de urgência, complexidade e preocupação nacional, gerando deveres no corpo da sociedade que se deve empenhar no desenvolvimento e na superação de nossos problemas, graves no presente e mais graves ainda no futuro.” Essa responsabilidade sobre as práticas de leitura literária nas escolas e especialmente, sobre a formação de leitores literário precisa ser compartilhada por todos os atores do processo educacional e além disso, é preciso reconhecer que:

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola - que vejo, insisto, como possibilidade - não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e

elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa (REZENDE, 2019).

Precisamos encontrar espaço e tempo dentro de nossas salas de aula para explorar o texto literário. Os nossos olhares devem permanecer atentos às questões práticas da formação de leitores e, existem boas razões para ter esperança e expressar otimismo diante dos indicadores de leitura no Brasil. Partindo do pressuposto de que feiras e eventos voltados para a leitura e formação de leitores são promovidos e bem-sucedidos em todas as partes do Brasil. Precisamos destacar também, os prêmios literários das Academias de Letras existentes no país, de fundações como A Casa das Letras e a nível local a Fundação Sertão Carolinense que vem incentivando a escrita de crianças, jovens e adultos na cidade de Carolina.

Endossamos a importância do incentivo e defendemos que todas as questões relacionadas à formação de leitores literários e aos processos de leitura e escrita não ficam a cargo, exclusivamente, dos professores de Língua Portuguesa e Literatura. Aliás, não compete somente a professores. A leitura é direito de todos e faz parte da formação integral do ser humano.

Especialmente na contemporaneidade, é preciso assumir essa responsabilidade e reconhecer a necessidade de nos transformar em devoradores de livros e, mais que isso, enxergar a leitura e os seus benefícios, independente do suporte de leitura que nos convenha ou que para nós seja mais acessível.

Estas reflexões reforçaram o anseio de produzir este estudo, pois a literatura precisa ser vista, como um bem incompressível, assim como são incompressíveis “[...]a alimentação, a moradia, o vestuário, a saúde [...]” (CÂNDIDO, Op. Cit., 177), portanto, um direito, “[...] uma necessidade universal, que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque ao dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. (CÂNDIDO, Op. cit., p. 188).

Não há como fugir da responsabilidade que, nós professores, temos urgentemente de repensar a forma que estamos trabalhando o texto literário em sala de aula. Faz-se necessário acolher as obras que os alunos estão lendo, e ler com os alunos. O caminho não é teorizar a literatura e fazer provas depois,

tampouco ditar uma obra porque ela é clássica e importante para o futuro do indivíduo como leitor. O caminho é mostrar para o aluno o quanto uma leitura é prazerosa, a leitura que eles próprios acordarem em fazer. O professor precisa ler junto, discutir igualmente com o alunado. O que importa é a construção de argumentos sobre a leitura que evoquem o prazer de ler.

Em tom de desabafo, Lajolo (p. 17, 2000) diz que “somos herdeiros de uma tradição educacional pobre e improvisada, a qual precisa ser o contexto de qualquer avaliação do que se tem feito ou dito até agora”. Logo, estamos diante de um problema grandioso e que tem impactado a formação dos estudantes de educação básica das escolas públicas do Brasil.

Reconhecemos as fragilidades enfrentadas pelas escolas públicas brasileiras e quanto a formação do leitor literário impactam, negativamente, a falta de políticas públicas para o acesso ao livro, a falta de formação/qualificação para os professores de língua portuguesa/literatura, a carga horária dedicada ao ensino de literatura (currículo). No entanto, estes percalços precisam ser superados em favor da formação de leitores literários.

3.1 Quem é o leitor literário?

Sem titubear podemos dizer que o leitor literário é aquele que lê textos literários. Mas, vamos além! O leitor literário é aquele que passeia pela leitura literária por prazer e não por obrigatoriedade. É aquele que reconhece a riqueza de explorar um livro, independente de qual seja o suporte de leitura. O leitor literário é aquele que dialoga com o texto e registra suas impressões e é também aquele que escreve, não necessariamente literatura, mas escreve inclusive sobre literatura.

Chegamos até aqui e é hora de perguntar: Quem é o leitor e qual a sua importância? Sim! O leitor é importante, se não fosse não haveria tanta preocupação em formar leitores. Lajolo (2018) ressalta que nenhuma obra literária teria importância e seria reconhecida, se não houvesse leitores. Assim, a formação de leitores vai muito além de construir um público consumidor de obras literárias, estamos preocupados com o processo formativo do aluno da educação básica em sua integralidade, confiamos na função social da literatura tão bem descrita por Carlos Felipe Moisés.

Quem é o leitor? Se não podemos escrever a biografia do leitor, temos condições de narrar sua história, que começou com a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e da privacidade doméstica, e a emergência da ideia de lazer. Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas (LAJOLO, 2019).

O leitor literário não pode ter a sua importância resumida ao fato de ser um consumidor de literatura. Ao tratar do leitor, nos remetemos às pesquisas que versam sobre a recepção de obras literárias e que, normalmente, almejavam um “leitor ideal”: um sujeito que possui competência ou experiência literária suficiente para realizar a interpretação de um texto, segundo determinada concepção teórica. Tarefa complexa!

É certo que os leitores sempre existiram em todas as sociedades nas quais a escrita se consolidou enquanto código, como se sabe a propósito dos gregos, só existe o leitor, enquanto papel de materialidade histórica, e a leitura, enquanto prática coletiva, em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista (LAJOLO, 2019).

Formar leitores literários em tempos contemporâneos é um grande desafio, oportunizar que os estudantes de educação básica possam realizar experiências de leitura literária é um processo que exige muito do professor e a verdade é que não sabemos, se nem mesmo os professores estão preparados para este processo. Além disso, queremos formar leitores literários conscientes, capazes de argumentar sobre a experiência de leitura vivenciada, capazes de explorar a obra literária em sua completude e capazes de ler por prazer, e não por obrigação.

Muitos autores classificam os tipos de leitores mediante as características que possuem. Colomer (2007, p. 50) traça o perfil do leitor literário e classifica os tipos de leitores de acordo com a denominação usada nas pesquisas francesas, que faz a seguinte divisão: “débeis” – aqueles que leem de zero a quatro livros por ano; “médios” – os que leem de cinco a nove livros; “fortes” – aqueles que leem mais de dez livros por ano”.

Mas o que é exatamente um leitor? De um certo ponto de vista, é possível dizer que os leitores são simplesmente pessoas que

sabem usufruir os diferentes tipos de livros, as diferentes “literaturas” – científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, entre outras – existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico (AZEVEDO, 2004, p. 38).

O leitor literário é um ser dinâmico que se constrói a cada experiência de leitura e que contagia a todos em sua volta quando descreve um texto lido. Todos nós humanos, desde crianças, temos uma necessidade de fantasiar, imaginar, criar mundos e a leitura literária permite ser e estar no mundo, permite brincar, inventar, permite acreditar ou questionar!

“A leitura é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor, cada um confia no outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo” foi o que nos disse Carlos Felipe Moisés em seu livro “Poesia para quê?”. Por esta afirmação, percebemos a densa relação entre autor e leitor, reforçando a importância do leitor para a literatura.

Segundo Lajolo (2019), “o leitor se configura como sujeito dotado de reações, desejos e vontades, a quem cabe seduzir e convencer”. Talvez, nem os leitores e/ou potenciais leitores e/ou futuros leitores imaginem o quanto importam. Mas, é importante que se deem conta do seu papel de leitores críticos e preocupados com a sua formação e que não permitam que os vejam como meros consumidores de livros.

Infelizmente muitas crianças não têm contato com a leitura na infância, não há quem leia para elas em casa e na escola, muitas vezes, não acontece um trabalho com a literatura infantil de forma planejada para possibilitar o desenvolvimento da habilidade leitora e o despertar para a importância da leitura. Logo, o reflexo desta situação é o fracasso que pontuamos sobre a formação de leitores na Educação Básica.

Precisamos considerar este fato, pois muitas vezes o trabalho que iniciamos no primeiro ano do Ensino Médio com a disciplina de literatura pode ser o marco zero para muitos estudantes, ou seja, pode ser o primeiro contato com a literatura, pode ser que nunca tenham lido sequer um livro e pior, nem reconheçam a importância disso. Construir essa cultura de leitura com estudantes de nível médio que possuem gostos, interesses e opiniões é um grande desafio e formar leitores literários é uma instigação ainda maior!

Apesar das mídias digitais terem facilitado o acesso ao texto literário, com as bibliotecas virtuais, por exemplo, esses textos parecem cada vez mais distantes dos jovens. Os interesses da juventude mudaram. A literatura destinada aos jovens também. Ninguém nasce sabendo ler, assim como ninguém nasce amando a literatura.

A propósito, para Cosson (2014, p. 26), um dos papéis da escola é ensinar o aluno a explorar o texto literário: “Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola”. Ensiná-lo a crescer como leitor assim como crescemos como pessoa, física e psicologicamente.

O leitor contemporâneo possui um perfil muito diferente do que a escola ainda insiste em trabalhar, o que causa conflitos e provoca o desinteresse que tanto exploramos nesta pesquisa. É fato que a escola parece ignorar a passagem do tempo, desconhecer as novas habilidades mundiais, e não enxergar a realidade, inclusive os avanços tecnológicos. A criança, o jovem, e o adulto, gostam sim de ler, mas, porém, se sentem desestimulados, ao ter que ler na escola, já que em 98% dos casos, os textos, mesmo considerados clássicos, não são capazes de despertar o mínimo de prazer e interesse no estudante.

Mudanças são possíveis a partir de ações humanas. E a leitura de textos literários desempenha papel fundamental na transformação do mundo e encaminhamento de uma vida melhor para todos que dependem dela para conhecer o ambiente que os rodeia. A leitura é libertadora. O leitor procura na ficção elementos que expressem seu mundo interior. Por isso que “leituras significativas se confundem com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida” (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 59). São essas leituras repletas de significado que os nossos estudantes precisam realizar, e neste processo, o professor é muito importante para ajudá-lo nessa construção de sentido e percepção da relevância do ato de ler.

Acreditamos que a leitura literária é culturalmente construída, que um leitor é influenciado pela localização geográfica, gênero, idade, profissão, situação econômica, escolaridade, entre outros fatores. E por último, acreditamos que a formação de leitores literários é crucial para a transformação da sociedade em que estamos inseridos.

3.2 As tecnologias digitais e a formação do leitor literário



Imagem 3: Tecnologias Digitais da Informação

A rapidez com que se dá o surgimento de tecnologias digitais na contemporaneidade é assustadora. Os avanços tecnológicos e o arsenal de tecnologias digitais que temos à nossa disposição atualmente são responsáveis por parte das mudanças constatadas nas práticas de leitura. Por isso, merecem um olhar atencioso, embora o quantitativo de estudos e projetos que visem integrar as novas tecnologias à leitura literária, favorecendo o processo de formação de leitores, ainda seja discreto, as propostas são muito interessantes.

As novas tecnologias vão se adaptando às exigências do público leitor. Como a leitura de um texto na tela nem sempre é muito cômoda, o que dificulta a atividade com textos muito longos, já foram desenvolvidos serviços que enviam ao leitor textos longos em trechos, algo semelhante a obras impressas divulgadas em fascículos (TERRA, 2015, p. 17).

Pensar novos suportes de leitura nesta era digital precisa ser um exercício constante dos professores de português e literatura, pois as tecnologias digitais evoluem rapidamente, já as práticas de leitura precisam de mais tempo para evoluir. Terra (2015, p. 22) pontua que “a mudança do suporte livro de papel para o formato digital não foi a primeira na forma de circulação dos textos (e provavelmente não será a última), tampouco a mais revolucionária”. Logo, pensar a leitura em ambientes virtuais, nas redes sociais, ou utilizando qualquer

outra tecnologia digital, é viável e necessário. Pois toda essa gama de possibilidades de novos suportes de leitura implica em mudanças nos modos de ler e escrever.

Reforçamos que com o advento do computador e a leitura na tela, a relação entre gênero literário e suporte de leitura tornou-se fluida. Se antes havia um suporte específico para cada gênero, agora diversos gêneros podem ser lidos no mesmo suporte – a tela do computador, ou um smartphone – assim, discursos não serão mais identificáveis pela sua materialidade, podendo levar os leitores a não diferenciar de imediato, pelos elementos óbvios e visíveis, o gênero textual.

Precisamos enxergar as tecnologias digitais como aliadas ao processo de formação de leitores literários e necessárias para a popularização da literatura entre os estudantes da Educação Básica do Brasil. Acreditamos que a inserção do Instagram na sala de aula, a utilização dos conteúdos postados pelos professores e estudantes, a busca por perfis literários, a análise dos conteúdos encontrados na rede e a relação com o gênero literário autoficção podem ser, efetivamente, o início de um novo tempo no que se refere ao ensino de literatura e a formação de leitores literários.

Essa mudança de concepção e de atuação, já prevista nas próprias características da mídia digital e da web, faz com que o computador, o celular e a tv cada vez mais se distanciem de uma máquina de reprodução e se aproximem de máquinas de produção colaborativa: é o que faz a diferença entre o e-mail e os chats, mas principalmente entre o *Word/Office* e o *GoogleDocs*, o *PowerPoint* e o *Prezi*, o *Orkut* (em sua concepção inicial) e o *Facebook*, o *blog* (em sua concepção inicial) e o *Twitter* ou o *Tumblr*. Todas essas ferramentas mais recentes permitem (e exigem, para serem interessantes), mais que a simples interação, a colaboração (ROJO, p. 24, 2013).

Todas essas ferramentas tecnológicas que possibilitam a construção coletiva e colaborativa precisam ser inseridas na sala de aula, mas mantendo o nosso destaque para o *Instagram* nesta pesquisa, afirmamos que é possível a interação e a colaboração neste suporte. Os estudantes podem fazer posts colaborativos no *feed*, no *reels* e nos *stories*.

Normalmente, as escolas tratam a leitura de uma forma bastante limitada e através de atividades obrigatórias de Língua Portuguesa, o que limita também a exploração textual e o desenvolvimento das competências e habilidades do

aluno enquanto leitor. O nosso olhar para as questões da formação do leitor literário, é contemporâneo e acompanha os avanços tecnológicos, pois através das tecnologias digitais, a aprendizagem e o interesse dos estudantes pela leitura literária podem ser mais expressivos, considerando que estamos partindo de algo que é extremamente interessante para eles.

O sujeito contemporâneo dispensa tempo à leitura e, até mesmo, à produção textual, afinal, a escrita é uma atividade histórica e necessária ao homem. Contudo, os interesses são outros. Não se busca uma leitura que provoque reações que vão do prazer emocional ao intelectual: a tendência atual está relacionada a uma leitura rasa e a uma escrita extremamente particular, tanto que gramáticas são recriadas – sem nenhuma preocupação com a norma culta. É a linguagem do *internetês* sobrepondo-se a consagradas gramáticas. São os diários abertos do *Facebook*, do *Orkut*, do *MSN*, dos *Blogs*, do *Instagram* entre outros, que podem ser produzidos por qualquer internauta sem o risco de lhe faltar tempo, dinheiro ou material para isso – a popularização da internet e sua democratização tornam-na cada vez mais acessível e necessária.

Do impresso ao digital, o essencial é saber utilizar as tecnologias e, no caso da literatura, tomá-las como meios de expansão do universo de leitura literária, especialmente dentre os jovens da Educação Básica, público que possui muitas especificidades, uma delas é a dificuldade de mantê-los interessados, motivados para as práticas de leitura. Precisamos de estratégias que fortaleçam a formação de leitores literários e, especialmente, que possibilitem uma boa experiência no primeiro contato com o texto literário na Educação Básica.

Não podemos esquecer que para a inserir as tecnologias digitais nas aulas de literatura da Educação Básica, os professores de língua portuguesa e literatura precisam conhecer e saber utilizá-las, só assim vai funcionar. Não tem como fazer uma aula utilizando o *Instagram* se o professor não conhece e não utiliza esta rede. Porém, acreditamos que esta pesquisa vai inspirar professores e estudantes nesta caminhada rumo à formação de leitores literários partindo da utilização do *Instagram* como suporte de leitura.

Embora as perspectivas em torno da formação de leitores por meio das tecnologias digitais sejam bastante divergentes. Pois por um lado, há aqueles que vislumbram literatura que nasça e/ou se propague a partir do ciberespaço,

por outro há aqueles que não enxergam essa possibilidade, alegando que aquele que busca literatura no suporte digital já é o mesmo que desfruta do livro impresso.

Preferimos oferecer múltiplos suportes para o primeiro contato com a leitura literária, para que os estudantes tenham a oportunidade de experimentar quantos queira e depois reconhecer qual suporte lhe interessa mais, qual funciona melhor, qual atende as suas necessidades. Assim, quanto mais suportes de leitura estiverem disponíveis, provavelmente maior será o número de leitores que alcançaremos, pois precisamos de multiletramentos e variados suportes de leitura para atender a multiplicidade de personalidades com as quais nos deparamos na sala de aula.

4 A AUTOFICÇÃO E O INSTAGRAM: entrelaçando conceitos e ideias

Nesta seção, mostraremos primeiramente, como construímos uma conexão entre o gênero literário autoficção e o *Instagram* e depois, como percebemos que a associação destes elementos poderia se transformar em indicativo de novos caminhos para a formação de leitores literários na Educação Básica.

Muitas vezes ao falar desta pesquisa em eventos científicos, tivemos as opiniões divididas entre quem apoia a ideia inovadora que propomos, de levar o *Instagram* para dentro da sala de aula, e estudar literatura partindo do conteúdo nesta rede, e quem simplesmente invalida a proposta, defendendo que o conteúdo do *Instagram* não é literatura ou que os estudantes não têm maturidade para vivenciar esta experiência.

Reafirmamos que em nenhum momento enxergamos o conteúdo do Instagram dos professores e estudantes como literatura, até porque já discutimos que para ser considerado literário, é preciso uma avaliação da crítica literária. A nossa perspectiva está voltada para o despertar, o encorajamento, a motivação. Concebemos a leitura e escrita no *Instagram* como estratégia para fazer crescer o interesse pela leitura literária. Pequenas doses de leitura todos os dias a começar pelos perfis que cada aluno tem interesse, depois perfis indicados pelos professores, até chegar no perfil que é fruto desta pesquisa: leitura literária no *Instagram*.

Queremos mostrar que as postagens de fotos, *reels*, *stories* possuem objetivos específicos; além disso, no *Instagram* mostramos recortes de nossas vidas, momentos que desejamos mostrar aos nossos leitores-seguidores e que muitas vezes não são tão reais. Da mesma forma, utilizamos os filtros para nos sentirmos mais belos e atraentes na rede e claro, receber os elogios dos leitores-seguidores. Todas essas características da nossa atividade no *Instagram* são, também, características do gênero autoficção.

Realidade e ficção se misturam e, quando postamos não temos a obrigação de dizer o quanto de realidade tem no que escrevemos, ou na foto que postamos. Quanto mais interação melhor! Isso é o que importa na rede social. Muito se discute sobre o mundo no *Instagram* e que o que vemos no *feed* não é real. A temática é muito pertinente e vai além do processo de formação de

leitores literários, a partir do momento que analisa o conteúdo da rede e encontra traços autoficcionais, apontando que nem tudo é real, mas que se trata de recortes, mostramos o que nos convém mostrar.

Como é construída a nossa imagem no *Instagram*? Com esse questionamento os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio assumem uma posição de protagonismo, pois são autores e leitores na rede; quando escrevem ou postam uma foto são avaliados pelos receptores da postagem e quando rolam a barra no *feed* são leitores, ou seja, recebem as postagens dos colegas que fazem parte da sua rede de amigos virtual.

As possibilidades que o *Instagram* nos oferece para instigar a produção escrita e estimular a leitura são inúmeras. Obviamente a pesquisa suscita questões sobre o preparo dos professores para o trato com os letramentos múltiplos na escola, pois não basta sugerir e apresentar estratégias quanto a utilização do *Instagram* na sala de aula sem pensar em como essas estratégias serão aplicadas. Portanto, reiteramos que essa pesquisa sugere continuidade e outras abordagens, pois não abarcamos o universo do professor de forma aprofundada nesta dissertação. Priorizamos o enfoque no estudante e nas estratégias para a formação de leitores literários que podem favorecê-los.

Com as rápidas transformações nos meios e nos modos de produção, a natureza do trabalho e a relação econômica entre as pessoas e as nações sofrerão enormes transformações e, neste quadro, a educação não apenas tem que se adaptar às novas necessidades como, principalmente, tem que assumir um papel de ponta nesse processo (SEABRA, 2010, p. 25).

Fazendo uso das tecnologias digitais, o professor aproxima-se do universo do aluno, ao mesmo tempo em que lhe oferece um formato de ensino muito mais atrativo do que se costuma associar ao espaço escolar. Por esse caminho, abre-se a possibilidade – se não a certeza – de recuperar o público leitor de textos literários. Seria a literatura tomando uma moldura atrativa para seu leitor, pois, do mesmo modo que o objeto livro em outro tempo exalava atratividade e provocava sensações de prazer no leitor, agora o faz a internet e o suporte conhecido como tablet, que já pode ser considerado um descendente do livro.

Cabe, por isso, a importância de ressaltar que “o ato de escrever tomou novos rumos na sociedade da informação, e o desafio do professor é trazer para

dentro do ambiente escolar essas novas ferramentas para que o aluno entenda a importância de escrever ao se comunicar com o mundo” (SEABRA, 2010, 23 p. 6). Desconstruindo essa aversão pré-existente, antes mesmo do primeiro contato com a literatura e com a leitura, pois se o primeiro contato, a primeira experiência com o texto literário for positiva, podemos vislumbrar a formação de novos leitores literários.

Foi preciso experimentar cada oficina, cada momento de construção do trabalho e da coleta de dados e foi incrível, pois a cada encontro novas ideias surgiam, muitas vezes vindas dos próprios alunos, outras baseadas em ajustes e leituras. Chegamos a um nível de intimidade com as atividades feitas através do *Instagram* na sala de aula, que praticamente o sentimento de estranheza do início desapareceu.

✘

CHECK-LIST LITERÁRIO

✔

MARQUE TUDO QUE VOCÊ
JÁ FEZ COMO LEITOR ...

- ABANDONEI UM LIVRO NO 1º CAPÍTULO
- LI UM LIVRO EM QUE O PERSONAGEM TINHA MEU NOME
- JULGUEI O LIVRO PELA CAPA
- CRITIQUEI UM LIVRO SEM TER LIDO
- PEGUEI RANÇO DE UM AUTOR
- CHOREI EM PÚBLICO ENQUANTO LIA
- RI EM PÚBLICO ENQUANTO LIA
- LI/LEIO OUVINDO MÚSICA
- SONHEI COM UM PERSONAGEM
- FUI LER +1 CAPÍTULO E TERMINEI O LIVRO TODO
- COMPREI UM LIVRO NO IMPULSO E NUNCA LI

VAI RESPONDER? ME MARCA!

@OSDELIRIOSLITERÁRIOSDELEX

Imagem 4: Checklist Literário

Postagens como essa da imagem anterior, que trazem a linguagem do estudante e que são oriundas do *Instagram* chamam a atenção dos alunos porque conversam com eles. Através de postagens leves, interativas, atrativas, conseguimos ensinar e motivar os estudantes para a leitura literária.

4.1 A leitura e a escrita no *Instagram*

Em algum momento deste trabalho já dissemos que leitura e escrita são habilidades linguísticas indissociáveis, ao discuti-las percebemos que uma atravessa a outra o tempo todo. Assim, como nas obras literárias, em que se destaca o tripé: autor-leitor-obra e no *Instagram*: autor-leitor/seguidor-conteúdo. Nesta seção, vamos discutir os processos de leitura e escrita dentro e fora do *Instagram*.

A princípio buscamos entender a leitura literária, no espaço de ensino e aprendizagem, com a importância que indiscutivelmente possui, no entanto, pela perspectiva do discurso e das reflexões da maioria dos professores que, por extensão, muitas vezes desconsideram o real lugar da literatura na escola, desvalorizam seu papel humanizador e interacionista e desconhecem a sua importância num mundo feito de palavras. Essa importância e valor é reduzido e a experiência com a literatura fica restrita a simples leituras, sem maiores significados.

A leitura sem propósito não agrega valores aos nossos estudantes, não é esse tipo de leitura que a nossa pesquisa sugere. A leitura realizada sem planejamento, apenas para preencher um tempo de aula que sobrou, não forma leitores, pelo contrário, contribui para que se alastre o sentimento de antipatia pela literatura e a leitura entre os estudantes. De maneira assertiva, Cosson sugere a função da leitura literária na escola:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação dos hábitos de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (COSSON, 2009, p. 30).

A leitura precisa ser percebida com a importância que realmente tem para a formação dos estudantes. Vale ressaltar ainda que, muitos estudantes, não possuem exemplos de leitores para inspirá-los, muitos sequer, possuem um livro de literatura em casa, outros não tiveram pais que leram para eles na infância, conseqüentemente, não percebem a priori, a relevância desta atividade e se assustam diante dos livros, especialmente, os mais volumosos.

A missão de transformá-los em leitores de literatura fica nas mãos dos professores, e o que pode dificultar ainda mais é o fato desse trabalho começar tardiamente, já no Ensino Médio. Pois, muito do que observamos durante a construção deste trabalho deixa claro que a literatura infantil, infanto-juvenil não é presente nas escolas brasileiras como deveria ser. Claramente, já existe um movimento positivo para mudar esta realidade e fazer a literatura mais presente desde a Educação Infantil.

Diante das várias funções que a escola possui, uma destaca-se como essencial na formação do educando para a vida: formar leitores e produtores de textos para atuarem como cidadãos na sociedade. Por conseguinte, se a escola for capaz de desenvolver no aluno o gosto pela leitura, ou seja, despertar o interesse pela leitura, trabalhando com a diversidade textual desde os anos iniciais, explorando os textos de uso social, já terá dado grande contribuição para o ensino, facilitando que as competências motoras, afetivas, estéticas, cognitivas e sociais também sejam desenvolvidas.

O domínio das práticas sociais, como a leitura e a escrita é muito importante para a formação do estudante, o aluno que entra no mundo da leitura, apaixonase, encanta-se e, provavelmente, dará continuidade ao aprendizado escolar, através dos livros, jornais, revistas, *blogs*, *Instagram* e tudo que vier a ler, das demais áreas do conhecimento e se desenvolverá sem embaraço diante das exigências do mundo globalizado, provavelmente será comunicativo, crítico, reflexivo, além de desenvolver uma percepção de mundo evoluída.

A escrita é a habilidade linguística que mais exige de todos nós seres humanos e toda a leitura que fazemos reflete na nossa escrita. Através da leitura aprendemos gramática, enriquecemos o nosso vocabulário, refletimos e construímos argumentos para defender os nossos posicionamentos em qualquer situação. A leitura nos dá asas para voar e nos transforma em protagonistas, a leitura não limita, pelo contrário, ela nos faz perceber o quão infinito é o

conhecimento, e tudo o que aprendemos será extravasado verbalmente, ou ainda com mais potência, será escrito.

4.2 Traços de autoficção presentes no *Instagram*

Arfuch (2010) pormenoriza as diferentes formas tradicionais de relatar a própria vida (memórias, correspondências, diários íntimos etc.) e aponta o surgimento de novas formas autobiográficas no mundo contemporâneo. Rememoramos que para Bakhtin não há coincidência entre autor e personagem, nem seque na autobiografia. Porém, as questões de verossimilhança, de coincidência de fatos da vida real com a produção literária do autor, os pactos realizados ao longo dos anos na literatura entre autor e leitor são discutíveis e causam grandes controvérsias na crítica literária.

A não coincidência entre autor e personagem é uma característica presente na autoficção, assim como o retorno à valorização do autor que em algum momento foi esquecido. O autor volta a ser destaque, no entanto, agora predomina a especulação do leitor sobre o que é real e imaginação na obra e o que tem da vida do autor na produção por ele feita.

Então surge o questionamento: qual a relação de tudo isso com o conteúdo que postamos no *Instagram*? A nossa vida na rede social é real ou ficcional? Toda a nossa verdade está exposta lá para todos verem, lerem, curtirem e comentarem? Ou existe um planejamento do conteúdo que será exposto? São feitos recortes do que vivemos para postar apenas o que queremos mostrar? O que será que desperta o interesse nos leitores de obras autoficcionais? E qual o interesse dos seus leitores-seguidores no *Instagram*?

Todos esses questionamentos serviram de base para a nossa análise, assim como a rede social da pesquisadora. É fato que existe uma curiosidade exagerada para saber da vida do outro. Arfuch (2010) reforça que “no horizonte midiático, a lógica informativa do “isso aconteceu”, aplicável a todo registro, fez da vida – e, conseqüentemente, da “própria” experiência um núcleo de tematização.”

Ao tempo em que acontece a invasão da privacidade, a exposição da vida pessoal através das narrativas do eu, se fortalecem as tecnologias digitais que as propagam. Assim, o *Instagram* se encaixa perfeitamente, pois é um espaço

de personalidade, é um espaço para ser e dizer o que é real e o que é ficcional. Somos quem queremos ser, fazemos o que queremos, criamos uma realidade paralela e puramente autoficcional para apresentar aos nossos leitores-seguidores. Portanto, acreditamos que através destes questionamentos e do exercício de observar como construímos o conteúdo para o *Instagram*, podemos identificar traços da leitura e da escrita que aprendemos na escola, podemos compreender que dedicamos um tempo à leitura todos os dias e por que não dedicar um tempo à leitura literária? Podemos observar que muitas vezes a foto que postamos, recebe na legenda uma frase famosa de autores da literatura clássica e nem nos damos conta da importância disso e do quão natural é. A literatura está presente no Instagram e com alguns ajustes poderá ser ainda mais efetiva nesta rede social.



Imagem 5: Postagem do Instagram da autora

O que tem de verdade nessa foto e na legenda? Como foi essa noite realmente? Qual o objetivo dessa postagem que alcançou 84 curtidas no *Instagram*? Que lugar é esse? E qual será o motivo de tanta gratidão? Uma simples postagem pode despertar muitos questionamentos e especulações de seus seguidores-receptores. A autora buscava chamar a atenção de seus leitores-seguidores e conseguiu, muitas pessoas interagiram na postagem.

Na sala de aula os professores de português e literatura podem sugerir aos estudantes como atividade fazer uma postagem no *Instagram* com legenda literária. Pois, as legendas das fotos que postamos nos dão a oportunidade de utilizar trechos de obras literárias, é mais uma maneira de atrair a atenção dos estudantes para o texto literário, considerando que eles buscam nos seguir nas redes sociais logo que nos conhecem em sala de aula. É possível também pesquisar trechos de obras literárias de alcance nacional e mundial, dentre outras atividades.

4.3 O Instagram impulsionando a formação de leitores literários

Nesta subseção, recordamos inicialmente, o que nos fez seguir por esse caminho e pensar na formação de leitores literários utilizando o *Instagram* como suporte de leitura e como estratégia para as aulas de literatura, especialmente no primeiro ano do Ensino Médio. Ressaltamos que repensar a formação de leitores literários é urgente, mas olhar por outra perspectiva este processo, levando em consideração o tempo atual e todas as distrações que competem com a leitura e que, inclusive, podem ser muito mais atraentes, foi essencial para a construção desta pesquisa.

Não existe aporte literário específico que trate da temática que propomos neste trabalho, estamos diante de uma pesquisa original, que conecta leitura e escrita, formação de leitores literários, autoficção e *Instagram*. Entrelaçar e descobrir a relação entre esses temas foi uma tarefa árdua, que exigiu muito estudo e dedicação.

O *Instagram* é uma rede social muito poderosa e que permite interação de diversas formas, as atualizações e melhorias na rede são constantes, então sempre nos deparamos com uma novidade, fato que também colabora para que os indivíduos se mantenham ativos nesta rede.

Por outro lado, precisamos reconhecer que o *Instagram* não foi criado para dar suporte à formação de leitores literários, mas sim para vender com base nos algoritmos, iludir os usuários e transformá-los em dependentes desta rede. Aos poucos se transformou também em um espaço onde acontecem situações perigosas e até mesmo crimes. Reconhecemos os efeitos nocivos do *Instagram* e ressignificamos esta ferramenta digital, transformando-a em um suporte de leitura que pode auxiliar o processo de formação de leitores literários.

Partindo deste pensamento que exige um olhar mais amplo e observando também que as escolas, durante muito tempo, tentaram excluir os celulares e smartphones das salas de aula, proibindo o uso, foi que decidimos inserir um novo olhar para este contexto. Pois, vivemos uma era digital onde os multiletramentos podem ser o diferencial nas escolas de Educação Básica.

A internet oferece mesmo a seus usuários mais comuns alguns poderes do espaço literário tradicional. No antigo regime da literatura, o acesso à produção de enunciados oferecido a um público era drasticamente limitado; com a web, consideráveis populações podem participar de dois espaços, passar todos os dias algumas horas comunicando-se no âmbito de modalidades que não recorrem à interação comum, oral ou escrita, aquele em que indivíduos socialmente identificáveis se comunicavam em espaços sujeitos a restrições espaciais e temporais. Tal como na literatura, em que o próprio enunciado impõe seu contexto, aquele enviado pela web define a identidade de seu locutor, o lugar e o momento de sua emissão: já não há acesso a um contexto dado, mas a uma enunciação que constitui suas próprias coordenadas (TERRA, 2015, p. 29).

Muitos benefícios foram trazidos pelas tecnologias digitais. No contexto educacional, a princípio, é importante demonstrar que as tecnologias digitais não podem ser vistas no ambiente escolar como inimigas, mas como aliadas ao processo de ensino e aprendizagem e, então, cada professor pode criar estratégias para implementar o uso dessas tecnologias digitais em suas aulas.

[...] a conexão entre o ensino de literatura e a internet encontra outros obstáculos. Um deles consiste em certa refração ao mundo digital ou tentativa de manter os padrões das aulas tal como tradicionalmente estabelecidos, como acontece amiúde com a proibição do uso de aparelhos celulares, tablets e notebooks em sala de aula sob o argumento de que prejudicam o andamento da aula, distraindo alunos e perturbando a preleção do professor, quando não favorecem a indisciplina, a “cola”, o bullying e outros comportamentos inadequados provenientes do

compartilhamento irrestrito ou não controlado, favorecido pelas tecnologias móveis e redes sociais (COSSON, 2018, p. 151).

Especificamente, as aulas de língua portuguesa e literatura são o foco da mudança que propomos, pois, a inserção do *Instagram* nas aulas de português e literatura é um indicativo dos novos caminhos e do novo olhar que estamos tentando imprimir, cuja finalidade é a formação de leitores literários através de experiências prazerosas e agradáveis de leitura literária no primeiro ano do Ensino Médio, possibilitando o despertar dos estudantes para a literatura.

Acreditamos que o *Instagram* por sua popularidade poderia proporcionar esta experiência prazerosa aos estudantes por muitos fatores: espaço conhecido e utilizado com frequência por eles, espaço que sugere liberdade de expressão e escrita/leitura natural (não-obrigatória) e outros. Evidenciamos que, nesta rede social, os estudantes que a possuem, passam boa parte do seu tempo deslizando o dedo pelo feed ou explorando conteúdos específicos de seu interesse, além do tempo em que utilizam para produzir e postar conteúdos, pois o *Instagram* é um blog pessoal.

Pensamos que as tarefas de produção escrita que são feitas nas aulas de português/literatura poderiam ser postadas no *Instagram*, criar desafios literários com premiações para incentivar os estudantes, enfim. Todas as propostas que fujam do tradicionalismo e que explorem o mundo atual, as novas tecnologias digitais, os múltiplos suportes de leitura são válidas, merecem ser experimentadas e aperfeiçoadas a cada experiência. Especialmente, as propostas que envolvam o *Instagram*.

Concordamos que a literatura se manifesta por meio de textos, por isso o foco é o texto literário. Para este estudo não importa a época em que foi produzido, quem seja o autor ou a que estilo pertença; só importa que o estudante leia. O *Instagram* como suporte de leitura sugere muitas possibilidades de atividades voltadas para a leitura literária e a cada leitura mais conexões são feitas entre leitura literária – autoficção e *Instagram*.

5 RETRATOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

Ao longo deste trabalho nos dedicamos ao processo de formação de leitores literários na contemporaneidade e nesta seção, queremos ilustrar o que foi discutido, apresentando um recorte do todo. Para endossar toda a discussão descrita nesta dissertação, realizamos uma pesquisa de campo com estudantes

do primeiro ano do Ensino Médio do Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense. Foram aplicados dois questionários, de questões fechadas, sendo o primeiro antes da oficina LEITURA LITERÁRIA NO INSTAGRAM e um após a experiência da disciplina. Todas as vivências e experiências provocadas por esta pesquisa, no intuito de coletar dados que comprovem as teorias e propostas sugeridas ou até mesmo de refutá-las, serão descritas no decorrer desta seção.

Acreditamos que os problemas enfrentados quanto à formação de leitores literários na Educação Básica do Brasil são compartilhados por todas as escolas. As dificuldades identificadas no Ensino Médio aqui em Carolina, são as mesmas de Imperatriz, de São Luís e de todas as outras cidades e estados do nosso Brasil. Os desafios dos professores de português e literatura são os mesmos em qualquer lugar, as dificuldades para a formação de leitores literários é uma realidade do nosso país.

Este trabalho nos possibilitou confirmar que os desafios que enfrentamos em sala de aula precisam ser compartilhados, pois são de todos os professores. Nos enchemos de esperança, pois durante a realização da pesquisa constatamos que muitas iniciativas estão surgindo, incontáveis tentativas de inserir a literatura efetivamente na sala de aula, fazendo com que os estudantes tenham boas experiências de leitura literária.

Mas, alertamos que iniciativas isoladas, iniciativas que não são compartilhadas e publicadas para que possam chegar ao alcance de todos, ou pelo menos da maioria, por mais incríveis que sejam, perdem um pouco do sentido. Todas as ações que provocam mudança de comportamento, que despertam ondas de positividade e esperança no ambiente escolar devem ser publicizadas. Não somos detentores do conhecimento e quando entendemos isso e compartilhamos, crescemos! Alcançamos melhores resultados e vamos mais longe!

5.1 Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense



Imagem 6: Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense

O Centro Educa Mais Sertão Maranhense foi fundado em 1947, com o nome de Fundação Cultural Tocantins. A criação dessa instituição, é fruto da iniciativa da sociedade civil carolinense, cujo intuito era atender a demanda educacional de Carolina, e de cidades do Sul do Maranhão, portanto, a primeira entidade educacional em forma de internato na região. Inicialmente, a escola era particular, houve interesse por parte da Secretaria de Estado da Educação para que este educandário se tornasse uma escola pública, que pudesse atender os anseios e as necessidades educacionais da comunidade Carolinense, durante esse período então, se tornou referência de ensino de qualidade na região.

A escola funcionou como instituição privada até a década de 1970, época em que iniciaram a negociação para que a instituição se tornasse pública. Depois de um longo período de conversação, a instituição passou a fazer parte da Rede Estadual de Educação. Até 2002, funcionava somente como Centro de Ensino fundamental, a partir de 2003 passou a oferecer também o Ensino Médio. Em 2014, passou a ser uma escola apenas de Ensino Médio.

No ano de 2018 a escola passou a oferecer o Ensino Médio em tempo integral para 160 alunos de 1º ano, a implantação ocorreu de forma gradual, onde 2º e 3º anos continuaram na modalidade regular até o ano de 2020. A implantação visa melhorar a qualidade de ensino, diminuindo as taxas de reprovação distorção idade-série e abandono escolar.

O Centro Educa Mais Sertão Maranhense tem como objetivo ser referência na educação do Sul do Maranhão, até 2024, como instituição de ensino em tempo integral de excelência, alicerçada na formação de competências e valores que possibilitem ao jovem a concretização do seu projeto de vida. Sua missão é ofertar educação de ensino médio em tempo integral com vistas à formação de jovens autônomos, solidários e competentes, para que tenham oportunidades no mundo do trabalho e/ou acadêmico e exerçam sua cidadania com dignidade.

Esse breve histórico, resumidamente pontua, a trajetória consolidada do Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense e justifica também a nossa escolha por esta escola. Nos detemos aos fatos históricos e indicadores de educação que colocaram esta escola, durante muito tempo, entre as melhores do Maranhão. Mas, não apenas isso. Pois acompanhamos de perto, diariamente, o trabalho desenvolvido nesta escola de tempo integral, pois dividimos espaços físicos e colaboramos, logo, conhecemos o perfil dos estudantes e nos preocupamos em transformar a realidade deles e de todos os estudantes do Brasil em relação às experiências com leitura.

5.2 O processo de formação de leitores literários no Centro de Ensino Integrado Sertão Maranhense

A trilha metodológica que seguimos para efetivar esta pesquisa foi organizada em etapas, organizadas em um cronograma e pautadas nas ações específicas de uma pesquisa exploratória. Acreditamos ter sido esta parte do trabalho a mais difícil, pois ir a campo, buscar na prática o que tanto discutimos e dialogamos com os autores, causou medo no primeiro instante. As pesquisas nesta área tendem ao subjetivismo, então tudo precisou ser elaborado e planejado com exagerada atenção.

Nesse sentido, é importante mencionar a discussão de Thiollent (2002) sobre o percurso metodológico de pesquisas em literatura, o qual considera a pesquisa-ação como uma metodologia que envolve investigadores na captação dos problemas, na reflexão e na testagem de soluções. O resultado desse processo dialético é a criação de uma metodologia de cunho crítico, com apresentação de componentes conscientizadores e emancipadores, reforçando

a ideia de que, aplicada à educação, a pesquisa-ação pode promover o aperfeiçoamento de professores e o aprimoramento do ensino.

O autor afirma que a estratégia metodológica que orienta a pesquisa-ação tem em vista a interação entre os implicados na situação, interação essa responsável pela priorização dos problemas que requerem solução. O objeto de investigação é constituído por uma situação social e pelos problemas que a envolvem, e o seu objetivo consiste em resolver e/ou esclarecer as questões relacionadas à situação observada. Todo o processo é acompanhado e não se restringe, apenas, a solucionar determinados problemas, mas também a ampliar o nível de consciência e de conhecimento dos grupos envolvidos.

Ao apresentar os princípios que norteiam a pesquisa-ação, Thiollent (2002) enfatiza a utilização das formas de raciocínio e argumentação, princípios que fazem parte da lógica formal. Embora privilegie o lado empírico, também são enfatizados os pressupostos teóricos, sem os quais a pesquisa ficaria descaracterizada.

Segundo o autor, “a pesquisa-ação é o instrumento ideal para uma pesquisa relacionada à prática” (2000, p.183) e assinala características essenciais da pesquisa-ação voltada à aprendizagem. Levando em conta, todo esse aporte teórico descreveremos cada etapa deste trabalho.

Conforme Stringer (1996), a pesquisa-ação compreende uma rotina composta por três ações principais: observar, para reunir informações e construir um cenário; pensar, para explorar, analisar e interpretar os fatos; e agir, implementando e avaliando as ações. Por isso, acreditamos que este seria o método adequado para esta pesquisa.

Por este viés, na primeira fase do trabalho nos dedicamos a observar, realizar leituras, aprofundar o conhecimento das teorias que atravessam a construção deste texto e reunir as informações necessárias para subsidiar a produção desta dissertação. Foi na primeira fase que elaboramos os questionários e começamos a esquematizar as oficinas.

Na segunda fase, foram realizadas as atividades de campo – a aplicação de questionário e realização de oficinas de leitura literária com os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio do Centro de Ensino Educa Mais Sertão Maranhense e com os dados coletados, realizamos a análise e interpretamos os fatos. Logo, é nesta etapa que apresentamos as possíveis soluções para o

problema sugerido na pesquisa e que avaliamos se fomos capazes de ajudar a resolvê-lo, se contribuímos realmente sobre o tema explorado.

5.3 Análise dos Resultados - Fase I: Base Teórica

A construção deste trabalho teve início há muito tempo, quando nem mesmo sabia o que queríamos fazer ou qual contribuição queríamos dar. No início era tudo incerto, havia mais dúvidas que certezas e todo pensamento vinha acompanhado de uma lacuna. Porém, sempre fomos movidas pela vontade de inovar, de construir uma pesquisa que tivesse os dois pés fincados na inovação.

Ao tempo em que avançamos nas leituras, conforme dialogamos com os autores, um sentimento de confiança cresceu dentro de nós, passamos a enxergar o valor desta pesquisa, o valor do conhecimento discutido nesta dissertação. Alguns dos autores citados estão conosco desde o projeto de pesquisa, outros foram presentes encontrados na estrada. Autores que atravessaram o caminho da pesquisa e fortaleceram ainda mais a base teórica que inspira este trabalho.

Foram leituras incessantes de Cosson (2020), Lajolo (2019), Zilberman (2012), Terra (2014), Moisés (2016), Arfuch (2012) e tantos outros autores, pois quase sempre as descobertas ocorridas mediante a leitura de um, levava a busca de outros autores e títulos e claramente, é uma fonte inesgotável de conhecimento sobre a formação do leitor literário e a literatura.

Desde o início da pesquisa, ainda na construção do projeto já havia uma grande dedicação às leituras que fariam a base teórica do trabalho e chegando nesta fase final da construção do texto, as leituras se tornam cada vez mais necessárias e frequentes, mesmo depois de tantas etapas vencidas, de realização de tantas atividades, continuar lendo importa muito nesta investigação. A sensação é que falta explorar muita coisa para chegar a um resultado satisfatório, a pesquisa segue inacabada mesmo depois de finalizada esta etapa do estudo, são evidentes os rastros que ela deixa para outras oportunidades de continuidade e aprofundamento.

Pensar a formação do leitor literário na contemporaneidade da maneira que esta pesquisa sugere, exigiu leitura e contato frequente com os estudantes para experimentar as sugestões que propomos ao longo da dissertação.

Ademais, quanto mais nos debruçávamos sobre os livros, novas ideias surgiam e nem tudo foi possível experimentar e descrever nesta dissertação.

Para relacionar autoficção – *Instagram* – formação de leitores literários tivemos que buscar embasamento, mas o ineditismo da pesquisa dificultou um pouco, pois como não existem pesquisas que falem especificamente do que tratamos aqui, foi preciso estudar os elementos separadamente e depois construir a zona de intersecção entre eles.

5.4 Análise dos Resultados - Fase II: Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas: aplicação de questionários e realização de oficinas literárias. Atividades propostas a 104 estudantes do primeiro ano do Ensino Médio do Centro de Ensino Educa Mais Sertão Maranhense.

A realidade sobre o fracasso da formação de leitores literários foi escancarada nas respostas dos estudantes conforme o gráfico que mostraremos, mas foi possível perceber que a proposta desta pesquisa é interessante para a maioria dos estudantes participantes. Reunimos as principais perguntas do questionário no gráfico abaixo:

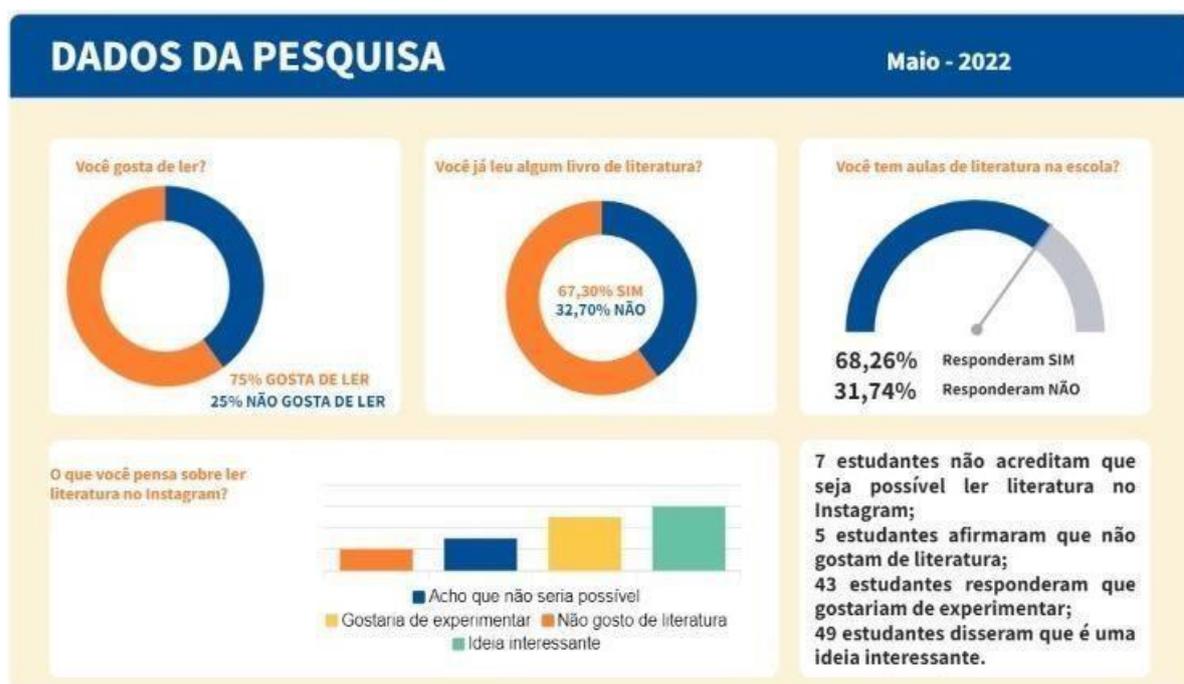


Imagem 7: Gráfico Questionário 1

No gráfico acima podemos verificar que 75% dos estudantes participantes da pesquisa responderam que gostam de ler, 67,30% já leram algum livro de literatura e 68,26% responderam que tem aula de literatura na escola. São números animadores, pois estamos diante de potenciais leitores literários, só precisamos descobrir o caminho para alcançar o êxito na formação de leitores.

Para que a leitura, de fato, seja um lugar de compartilhar e construir sentidos, a escola precisa possibilitar o uso efetivo e concreto da linguagem, num trabalho com a língua e não sobre ela. Quando nos deparamos com as respostas dos estudantes para estas questões ficamos animados, mas logo percebemos que eles não sabiam muito bem o que estavam respondendo, não sabiam, por exemplo, o que é literatura e não lembravam o nome do livro de literatura que já leram. E com as oficinas tudo ficou mais nítido, pois não existe um conhecimento estruturado desses estudantes sobre leitura literária e nem mesmo muito interesse.

Os alunos não sabem ler: muitos adolescentes não têm uma prática suficientemente fluida, rápida, fácil, da leitura. Muitos alunos não gostam de ler, porque não aprenderam a ler bem. Eles leem muito lentamente, têm as maiores dificuldades de deciframento, como desejamos que eles não se aborçam? (ZILBERMAN, 2012, p. 105).

A realidade descrita por Zilberman é dolorida, mas precisamos refletir sobre ela para compreender como precisamos agir diante dos desafios que assombram o processo de formação de leitores de literatura na Educação Básica.

É curioso como estudantes da mesma escola e que às vezes estudam na mesma turma respondem ao questionário de formas diferentes. Foi intrigante, por exemplo, perceber que para a maioria existem aulas de literatura e que para outros não. Como pode? Isso se deve primeiro ao fato de que os conteúdos de literatura são vistos na disciplina de Língua Portuguesa e muitas vezes os estudantes nem se dão conta disso, o que nos faz recordar a reflexão que já trouxemos anteriormente sobre a forma como o texto literário é levado para sala de aula e o planejamento das aulas de literatura.

Embora a proposta que esta dissertação propõe de novos caminhos tenha inspiração em autores contemporâneos, é importante pontuar que no final da década de 1970 e o começo de 1980, já era condenado o modelo de ensino de literatura utilizado pelas escolas, calcado no livro didático e com todos os holofotes voltados para os autores canônicos e neste período, já se falava de “propostas inovadoras” como: a valorização da produção textual do estudante.

Nesta pesquisa retomamos estas ideias de inovação que não foram efetivamente implementadas nas escolas e acrescentamos ideias contemporâneas associadas ao uso das tecnologias digitais como suporte de leitura. Sentimos a empolgação dos estudantes quando apresentamos a possibilidade de estudar literatura utilizando o *Instagram*, tanto que no questionário 49 estudantes responderam que essa é uma ideia interessante e outros 43 estudantes responderam que gostariam de viver esta experiência de ler literatura no *Instagram*.

A incrível sucessão e simultaneidade de técnicas de comunicação e de reprodução prometeram que encontraríamos textos e literatura nos mais inesperados suportes. Fomos do manuscrito ao impresso e ao xerox, dos livros aos jornais e revistas, ao rádio e à televisão. Às fitas, discos, CDs, CD-ROMs, vídeos, DVDs... E internet. Mas uma nova linguagem, um novo suporte não liquida os anteriores. Convivem. Nosso mundo de hoje é cruzado de alto a baixo por linguagens. O velho livro continua existindo. E continuará, creio. A tecnologia trouxe – e desconfo que vai trazer cada vez mais – para dentro de nossa casa textos que, até ontem, aguardavam castamente, em volumes, que procurássemos sua companhia (LAJOLO, 2018, p. 150).

A tecnologia nos aponta muitos caminhos rumo à formação de leitores de literatura, com criatividade, todas as tecnologias digitais à nossa disposição podem se converter em suportes de leitura e assim, focamos ainda mais na diversificação para que cada estudante consiga descobrir como é mais prazeroso e interessante para ele o ato de ler.



Imagem 8: Card de Divulgação da Oficina Literária

Os dados coletados neste questionário foram esclarecedores e sugeriram adaptações na Oficina Literária que planejamos, mas refletir sobre estes dados com o embasamento teórico que disponibilizamos, foi como desvendar um enigma, aliás uma face do enigma, pois nesta pesquisa avaliamos apenas as narrativas e atitudes dos estudantes.

Quando pensamos na aplicação de uma oficina literária não tínhamos uma proposta construída. As narrativas escutadas, as respostas aos questionários e o contato com os estudantes em sala de aula foram decisivos para a construção desta etapa tão importante da pesquisa. A única coisa que estava definida era que falaríamos da leitura literária no *Instagram*, todo o resto foi se construindo ao tempo em que fomos vivendo a experiência de realizar esta pesquisa. A programação da primeira oficina literária estará disponível nos anexos desta dissertação, a ideia é que ela fique disponível para que todos os professores de literatura a utilizem, modifiquem, adaptem conforme as realidades que vivem nas escolas em que atuam.

É interesse desta pesquisa compartilhar os conhecimentos construídos e inspirar professores e estudantes para tornar mais efetivo o processo de formação de leitores de literatura nas escolas de Educação Básica do Brasil.



Imagem 9: Aluna do 1º Ano do Ensino Médio participante da Oficina de Leitura Literária no Instagram

A oficina de leitura literária no Instagram reuniu poucos estudantes, alguns não se sentiram motivados para sair de casa e viver esta experiência, fato que nos entristeceu e nos alertou para as dificuldades do processo, pois divulgamos e pensamos em cada detalhe com muito carinho e ainda assim, não foi suficiente.

Por outro lado, os poucos estudantes que participaram se envolveram nas atividades propostas e gostaram muito da vivência. Discutimos sobre o conceito de literatura, pesquisamos textos literários e realizamos atividades de leitura utilizando o *Instagram* como suporte de leitura. No início o silêncio pairava, mas aos poucos as atividades foram permitindo que cada um participasse e experimentasse a leitura de sua forma, houve momentos em que o riso era frouxo e as três horas passaram tão depressa que ninguém percebeu. Foi uma experiência incrível, imagina se todos os estudantes tivessem participado? Como teria sido?

A oficina atingiu os objetivos aos quais se propôs, envolveu os participantes e fez com que pensassem sobre a importância da leitura literária, além de desmistificar a ideia de que a leitura literária é chata. A atividade despertou o interesse e motivou os participantes, novas ideias surgiram e partiram dos próprios estudantes. Depois ouvimos muitas lamentações pelos corredores da

escola dos estudantes que não participaram, o que prova que os participantes saíram com boas impressões e interessados.



Imagem 10: Oficina Leitura Literária no Instagram

Foi um dos momentos mais importantes da construção deste trabalho, pois a realização da oficina leitura literária no *Instagram* representa a prática da teoria que defendemos nesta pesquisa, o experimento da proposta que sugerimos como novos caminhos para a formação de leitores literários, que se embasa nos autores que dialogam nesta dissertação, e saber que embora poucos tenham participado, os benefícios da atividade foram notados e inclusive, perduram. É gratificante constatar que os estudantes que participaram conseguem ser multiplicadores da proposta.

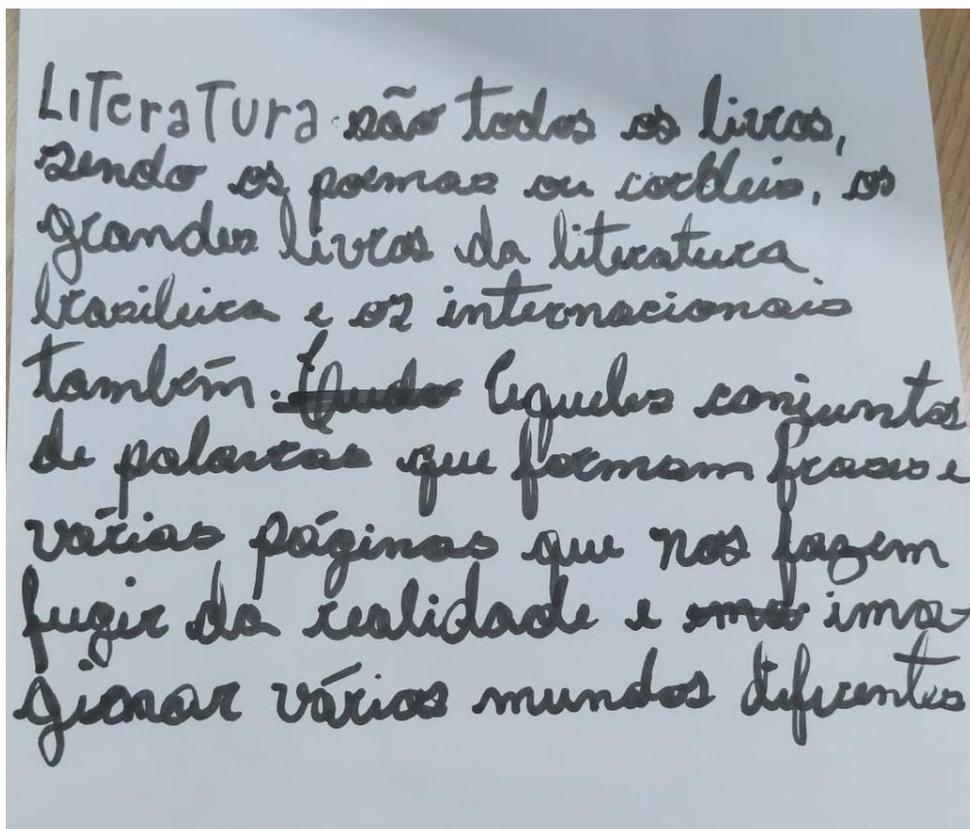


Imagem 11: Conceito de literatura construído por um estudante na Oficina Leitura Literária no Instagram

Em quase todos os conceitos de literatura construídos pelos estudantes durante a oficina aparece algo relacionado a possibilidade de fugir da realidade, de conhecer outros mundos, histórias, culturas e de viajar sem sair do lugar. Muitos autores que sustentam esta pesquisa falam algo nesse sentido e Lajolo (2018) reforça que “para quem quer saber o que é literatura o melhor é mergulhar na própria, sem fronteiras e sem delongas, sem esquecer nada nem ninguém”.

É preciso viver a literatura para conhecê-la e para isso, é preciso encontrar sentido e prazer no ato de ler, logo a leitura de literatura é para estudantes corajosos e os que não o são, podem começar a exercitar para sê-lo. Pois este é o caminho para o sucesso na formação de leitores literários nas escolas de Educação Básica.

6 CRIAÇÃO DO BLOG: LEITURA LITERÁRIA NO INSTAGRAM

Levamos um tempo considerável para definir o Produto Técnico Tecnológico desta dissertação, mas quando pensamos no *blog* não tivemos mais dúvidas, pois tudo o que pesquisamos, as ideias que foram surgindo no decorrer do percurso e os registros das oficinas caberiam neste espaço, um diário virtual, de fácil acesso para todos.

Mas, colocar o blog no ar exigiu de nós outras pesquisas para encontrar a forma mais viável e adequada para os nossos objetivos, a criação do produto precisou de recurso financeiro, muito além do previsto, mas os resultados da página estão sendo incríveis.



Imagem 12: Identidade Visual do Produto Técnico Tecnológico

O blog é dinâmico, possui uma linguagem acessível e as publicações são semanais e variam entre recortes do texto dissertativo, gráficos da pesquisa de campo, curiosidades, desafios de leitura, sugestões de leitura, sugestões para aulas de literatura, propostas de oficinas de literatura, dentre outros.

De acordo com as interações e sugestões vamos pensando nas próximas publicações e tentando cativar leitores. Ainda somos poucos prestigiando este blog, até porque ele foi criado em julho de 2022, deve levar um tempo para que as pessoas em geral tomem conhecimento. Por outro lado, pensamos que este trabalho inteiro fala da leitura literária no *Instagram*, logo levar as publicações do blog para o *Instagram* deve facilitar o acesso aos conteúdos e faz muito sentido

a criação de um perfil na rede social que tanto sugerimos como suporte de leitura.

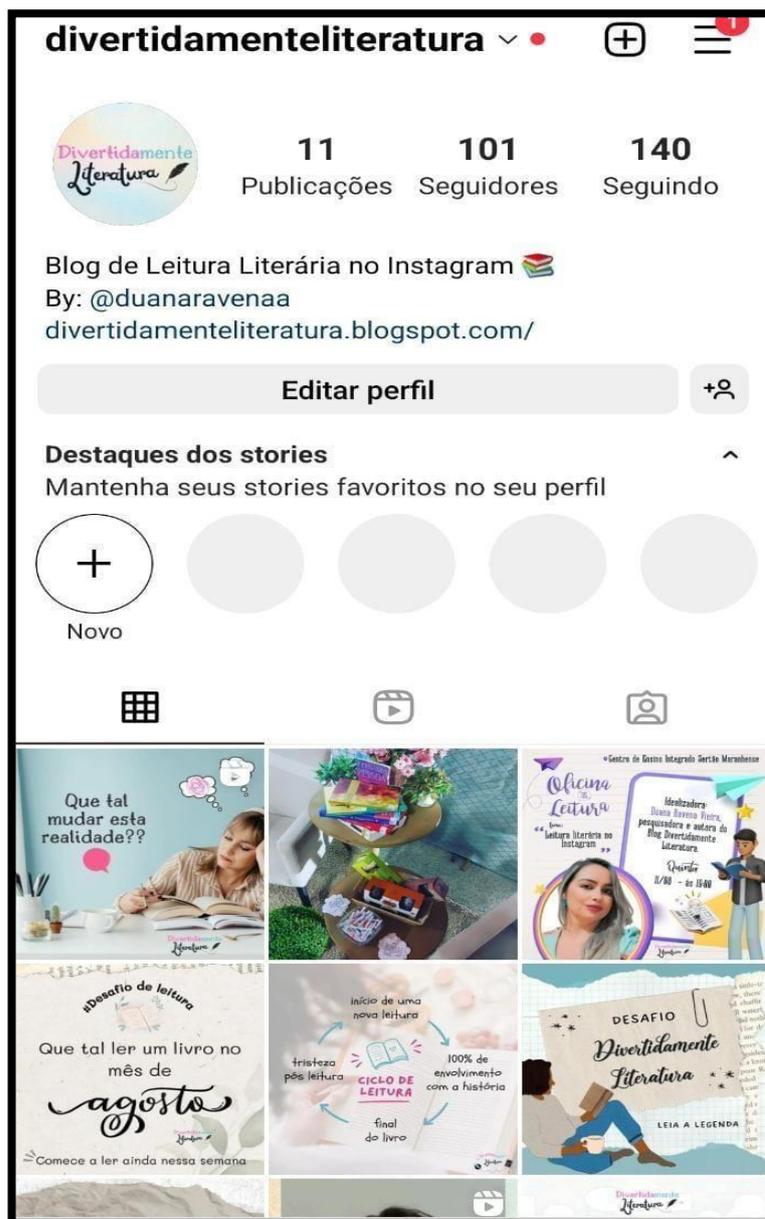


Imagem 13: Perfil do Instagram Divertidamente Literatura

O perfil no *Instagram* foi criado dias depois do blog e tem facilitado bastante a interação entre os leitores dos conteúdos, as ferramentas do *Instagram* nos ajudam a saber se estamos no caminho certo e o que as pessoas querem ver de conteúdo. Assim, estamos sempre atentos e planejando novos conteúdos neste propósito.

O *blog* e o perfil do *Instagram* não serão passageiros, não deixaremos de fazer as publicações e, esperamos receber *feedbacks* positivos de professores

e estudantes quando realizarem as atividades que propomos em nossa página. Acreditamos que este é o início da caminhada, findamos a dissertação, mas ainda há muito para pensar e construir no que diz respeito à formação de leitores literários em tempos de tecnologia digital.



Imagem 14: Primeira postagem do *blog*

O *blog* tem um visual pensado para atrair adolescentes e jovens, as publicações são de fácil compreensão e convidam a pensar sobre a autoficção, sobre a leitura literária e sobre o *Instagram* como suporte de leitura. Recortes importantes desta dissertação serão publicados, assim como os dados da pesquisa, fotos e vídeos das atividades do projeto, bate-papos com a pesquisadora e quem sabe até com convidados que possuam afinidades com a temática. Não existe um caminho para seguir nesta produção, pois a interação com o público e as leituras são responsáveis pelas ideias que surgem e que transformamos em *posts*. Esse dinamismo do *Blog* e do *Instagram* são necessários para que consigamos disponibilizar materiais relevantes para professores e estudantes.

Silva (2016) descreve métodos de postagens comumente utilizados pelos *blogs* literários, que são recursos também apropriados pelos *Instagrams* literários para interagirem com seus seguidores:

- *Desafios literários*: metas que os leitores devem seguir e cumprir em um prazo estabelecido. As *tags* literárias, por exemplo, consistem em responder perguntas nas quais as respostas devem ser relacionadas aos livros e, ao final, desafia-se outras pessoas a fazerem o mesmo;

- *Maratonas literárias*: prática de ler um livro ao mesmo tempo durante um prazo estipulado. Geralmente, no *bookstagram*, as maratonas literárias são mais frequentes durante feriados prolongados ou período de férias. Uma prática muito comum também é a leitura conjunta, que determina um número de páginas ou capítulos, e no final de cada meta cumprida os leitores debatem suas impressões em relação à leitura;

- *Projeto de leitura*: se assemelha às maratonas literárias, mas alguns projetos podem levar mais tempo para serem concluídos. Consiste em ler todas as obras de um autor ou séries e livros de um mesmo gênero;

- *Sorteios*: habitualmente feitos em parcerias com outros perfis, editoras ou autores, é uma forma de atrair mais leitores a visitar e interagir com o perfil. Livros são os prêmios da maioria dos sorteios, mas outros itens relacionados ao universo literário também são sorteados, como capas para livros, *ecobags*, xícaras, marcadores de páginas etc. As regras são definidas por cada perfil.

6.1 Por que um Blog?

Antes de seguir, precisamos especificar porque escolhemos um *blog* e para isso, apresentamos o conceito de *Blog* (abreviação para **weblog**) é uma espécie de diário online que aborda um assunto específico escolhido pelo seu autor. O *blog* é apresentado em texto, mas pode conter imagens, fotos, vídeos ou outras mídias que o autor considere importante para o assunto. Geralmente, os autores dos blogs mantêm publicações constantes.

Para Barbosa e Andrade (2020), a evolução da internet e de duas ferramentas possibilitou que os usuários passassem a ser autor e produtor de informações, fase conhecida como Web 2.0 sendo os blogs ou weblogs ou edublog um dos exemplos dos novos cenários.

Os blogs, na essência foram criados como diário virtual, integrando várias mídias. De acordo com Gomes (2005), podem ser usados como recurso ou como estratégia pedagógica. Enquanto recurso, os blogs podem ser espaço de acesso à informação especializada ou espaço de disponibilização de informações pelo professor. Como estratégia pedagógica, podem ser portfólios digitais, espaço de intercâmbio e colaboração, debate e integração. Estão relacionados com a construção de conhecimentos.

O *blog* assim como o Instagram foi criado para gerar autoridade e ajudam a vender. Ao escrever sobre seu mercado de atuação, produto ou serviço, você demonstra conhecimento de causa, o que gera autoridade para o seu negócio e ajuda a vender mais. Se você tem um *blog* com conteúdo de qualidade, acessos e comentários, demonstra que entende do assunto. É uma maneira de ser visto como alguém que sabe do que fala, o que gera credibilidade para a sua empresa.

Essas características do *blog* possuem uma relação muito clara com tudo que discutimos e com o que queremos realmente. Levar informações sobre o tema que conhecemos e que pesquisamos, em um movimento dinâmico e contínuo, pois o *blog* está sempre recebendo novos conteúdos, comentários e inclusive, atualizando os conteúdos que estão há mais tempo.

Para Gutiérrez Martín (2003), o atrativo destes dispositivos digitais e a facilidade para a publicação online é uma oportunidade para a formação online e um dos objetivos prioritários da alfabetização digital é proporcionar o conhecimento da natureza das linguagens dos documentos multimídia interativos e o modo em que se integram.

O *blog* não é tão utilizado na atualidade, claramente não possui o mesmo espaço que o *Instagram* no ciberespaço, mas possui características que foram relevantes para a escolha: aceita variados tipos de mídias, fácil acesso e o melhor, pode ser acessado de qualquer lugar e permite atualizações contínuas. Escolhemos o *blog* por acreditar que é o espaço ideal para registrar o passo a passo desta investigação e para compartilhar os conhecimentos que reunimos nesta dissertação. Além do mais, embora sejam pouco acessados hoje em dia, quem é professor quase sempre passa pelos *blogs*.

Para traçar um histórico dos *blogs*, é preciso voltar ao princípio da internet. Embora o termo *blog* tenha surgido só em 1997, páginas conhecidas como diários online (*online diaries*) existiam desde o início da década de 1990. Nesses

relatos, pessoas escreviam sobre experiências diárias, comentários gerais, prosas, poesia e tudo o que poderia ser encontrado em um diário. Leitores podiam contribuir fazendo comentários.

Após um início lento, os *blogs* começaram a ganhar popularidade, e se popularizaram nos Estados Unidos principalmente após 1999. Nessa época começaram a surgir também as ferramentas de *blog*, como o *Blogger*. Vale ressaltar que assim como o *Instagram*, o *blog* foi criado na intenção de incentivar o consumismo provendo produtos e empresas, mas logo foi amplamente ressignificado até porque os diários de antigamente com cadeados e chaves não foram esquecidos, portanto não tinha como os diários virtuais não fazerem sucesso.

Para Gomez (2010), o blog é um ambiente para publicação que permite inserir informações organizadas de maneira cronológica: conteúdos como textos, imagens, vídeos, animações e links (conexão) externos. Os blogs podem ser temáticos servem como ambiente para divulgação de informações de um evento ou a respeito de um curso ou disciplina. A utilização dos blogs permite aos “sujeitos a oportunidade de exercitar a autoria em rede em vez de apenas consultar/visitar sites, tornando-se emissores de conteúdos, uma vez que podem produzir informações e construir conhecimento sob diversos olhares” (BASSANI; FRITZ, 2013, p. 908).

O nosso maior desejo é que as informações que publicamos no *blog* alcancem o máximo de pessoas possíveis, sejam professores, estudantes, interessados pela autoficção, pesquisadores da formação de leitores literários em tempos de tecnologias digitais e quem mais se interessar. Pode levar um tempo considerável, mas este conteúdo disponível no blog e gratuito será utilizado, vai ser útil para professores e pesquisadores.

Pensando na propagação das informações compartilhadas no Blog Divertidamente Literatura que está na rede desde o dia 07 de julho de 2022, estamos desenvolvendo um trabalho de divulgação, utilizando especialmente o *Instagram*, espaço em que temos também o perfil Divertidamente Literatura e que nos possibilita mais acessos e interações e que as informações cheguem para mais pessoas.



Imagem 15: Card publicado no Blog Leitura Literária no Instagram

6.2 Processo de criação: passo a passo

Para criar o *blog* foi preciso pensar na identidade visual que retratasse a mensagem que queremos levar, pensei em algumas coisas junto de uma profissional de artes visuais e depois, seguimos os passos necessários para criação do *blog*:

1. Pesquisar e escolher o tema e o nome do seu blog;
2. Registrar o domínio. Por exemplo: www.nomedoseublog.com.br. Isto é necessário para que não existam nomes de projetos iguais; (Nesta etapa, fizemos uma pesquisa de preços dos pacotes para ver qual atendia melhor a nossa demanda);
3. Encontrar uma plataforma para alojar o seu domínio;
4. Começar a produzir os conteúdos e cartazes/cards para as postagens;
5. Interagir com os leitores.
6. Anotar as ideias surgidas das interações.

O blog tem muita sintonia com tudo que pensamos, lemos, pesquisamos e estudamos ao longo da construção desta dissertação. Queremos que a nossa marca contribua para a formação de leitores literários e que seja lembrada pelos professores e estudantes como um espaço de novos caminhos, novas ideias e

soluções. Além disso, precisamos que o Blog Divertidamente Literatura no *Instagram* passe confiança aos leitores.



Imagem 16: Autora da Dissertação no espaço de leitura da Oficina Literária
Leitura Literária no Instagram

Apresentamos abaixo os endereços de acesso ao *blog* e ao *Instagram* que são produtos desta dissertação de mestrado:

- Endereço do *Blog*: <https://divertidamenteliteratura.blogspot.com/>
- Endereço do *Instagram*: @divertidamenteliteratura

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido ao longo do texto foi permeado de reflexões sobre a escrita de si nas narrativas de autoficção, considerando as principais características do texto autoficcional. Para isso, evidenciamos o conceito de autobiografia que tem relação direta com a escrita da autoficção, por se tratar de um tipo de escrita do eu. Destacamos também que a relação construída no decorrer desta dissertação entre autoficção – Instagram – formação de leitores não está acabada, pois há muito ainda para pesquisar, aprender e criar caminhos que deem conta de demandas não atendidas nesse trabalho e que são portas abertas para a própria pesquisadora se aprofundar e ampliar os horizontes da pesquisa realizada, além de ser uma provocação para outros pesquisadores/as.

Essa compreensão do sentido do inacabamento do trabalho cumpre o papel de apresentar indicativos de novos caminhos para a formação de leitores literários utilizando o Instagram como suporte de leitura.

Reconhecemos que o desenvolvimento desta pesquisa foi desafiador, pois tratamos de um tema inédito e original. Nele, enxergamos o Instagram como suporte de leitura, uma proposta inovadora, pois ressignificamos uma rede social criada com base em algoritmos com o objetivo de vender produtos, transformando-a em suporte de leitura potente aliado ao processo de formação de leitores literários, mas há muitas lacunas ainda que necessitam de esforços para serem respondidas, além das questões que esta pesquisa evidencia que não estavam compreendidas nesta proposta, mas que precisam ser discutidas para que os resultados obtidos sejam efetivos.

Neste trabalho buscamos sensibilizar escolas, professores de português/literatura e estudantes para a relevância da formação de leitores literários na contemporaneidade, destacando a importância do estímulo e motivação à leitura literária na Educação Básica e a criação de estratégias associadas ao uso do Instagram como espaço de leitura e escrita.

A formação de leitores literários continuará sendo um desafio no Brasil, no entanto, a contribuição desta pesquisa aponta caminhos para novas práticas, para novas formas de enxergar o texto literário na sala de aula e exige novas posturas do corpo escolar.

Desse modo, é preciso manter o olhar atento à realidade em que estamos inseridos, trazer o mundo para dentro das escolas, e hoje, as tecnologias digitais são o mundo e cada vez mais elas estão presentes na educação.

Esperamos com este trabalho, inspirar professores de Língua Portuguesa e Literatura das escolas de Educação Básica a pensar sobre novos caminhos, a utilizar as ideias desenvolvidas nas oficinas realizadas por esta pesquisadora, a acompanhar o Blog Divertidamente Literatura, a criar outras propostas de aulas com o Instagram ou qualquer outra tecnologia digital.

A forma como conduzimos o estudo nos permite afirmar que alcançamos os objetivos descritos e respondemos às questões iniciais: Como identificar a autoficção no Instagram? Qual a demanda de interesse dos estudantes pela autoficção e de que maneira ela pode contribuir para a formação de leitores literários na Educação Básica, especialmente no primeiro ano do Ensino Médio?

Identificar a autoficção no Instagram não foi difícil, as características deste potencial gênero literário são claras e foi possível percebê-las. No que se refere aos estudantes, eles/elas ficaram interessados pelo gênero autoficção quando perceberam que é algo que está próximo deles. Relacionar autoficção e Instagram foi o ápice da pesquisa, foi o que deu o tom de leveza e o significado efetivo para a proposta. Ao tempo em que construímos essa relação, destacamos os pontos convergentes, assim como despertamos o interesse dos estudantes pela ideia de aprender/estudar literatura a partir da rede social Instagram como apresentamos no gráfico com dados da pesquisa de campo.

Diante do exposto deixamos as nossas considerações em aberto para as continuidades da pesquisa e para os frutos das sementes que ela semeou entre e com seus/suas interlocutores/as.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

ARFUCH, Leonor. Antibiografias? Novas experiências nos limites. Trad. Dênia Silveira. In: SOUZA, Eneida et al. (Orgs.). **O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação o leitor**. São Paulo, DCL, 2004.

BARBOSA, Rita C.; ANDRADE, Vivian G. **Educação e novas tecnologias**. João Pessoa: UFPB, 2020.

BASSANI, Patrícia B.; FRITZ, Rosi S. **Aprendizagem em/na rede: comunidades virtuais de aprendizagem em blogs**. Rev. Diálogo Educacional, Curitiba, v.13, n. 40, p. 895-912, set/dez, 2013.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981.

BRANDÃO, H. H. N. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, L. (Org.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALVINO, I. A combinatória e a arte da narrativa. In: LUCCIONI, G. et. al. **A atualidade do mito**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. **Por que ler os clássicos?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CÂNDIDO, A. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades. Ouro sobre Azul. São Paulo, Rio de Janeiro, 2004.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. O que acontece com o ensino da literatura em tempos de internet? Uma reflexão em três hipóteses. In: **Leitura, literatura e linguagens [recurso eletrônico]: novas topografias textuais**. Ernani Cesar de Freitas, Fabiane Verardi Burlamaque, Miguel Rettenmaier (Orgs.). – São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2018.

_____. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Editora Galilée, 1977.

_____. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, M.J. **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIIIE05**. Universidadedo Minho. Leiria, Portugal, 2005. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>. Acesso em: 10 outubro de 2022.

GOMEZ, Margarita V. **Cibercultura, formação e atuação docente em rede: guia para professores**. Brasília: Liber Livro, 2010.

GUTIÉRREZ MARTIN, A. **Alfabetización digital: algo más que ratones y teclas**. Barcelona: Gedisa, 2003.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: **Teoria da literatura em suas fontes**, vol.II. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2002.

JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2012.

_____. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo, Editora UNESP, 2018.

_____. **A formação da leitura no Brasil**. Ed. Rev. São Paulo, Editora UNESP, 2019.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Adaptação: Lana Mara Siman. Tradução: Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar. Fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAIS, C. R. de. **Em torno dos bookstagrammers: leitura e compartilhamento de experiência em redes sociais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar: convite à viagem**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIRES, G. T. S. **Fotografia através de dispositivos móveis: estudo de caso sobre o Instagram**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ROJO, R. H. (Org.). **Escola Conectada – os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SEABRA, Carlos. **Tecnologias na escola**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artemed, 1999.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STRINGER, E. T. **Action Research: a Handbook for Practitioners**. Sage, 1996.

TERRA, Ernani. **A produção literária e a formação de leitores em tempos de tecnologia digital**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-Ação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2012.

APÊNDICES

FORMULÁRIO PESQUISA DE MESTRADO

Olá pessoal, eu sou a professora Duana Ravena dos Santos Vieira, sou servidora do IFMA CAMPUS AVANÇADO CAROLINA e mestranda da UEMASUL e hoje gostaria que me ajudassem respondendo a estas perguntas. Muito obrigada pela contribuição.

***Obrigatório**

1. E-mail *

2. NOME COMPLETO: *

3. IDADE: *

4. E-MAIL: *

5. Quantas horas você passa nas suas redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

0 a 3

4 a 6

7 a 10

11 a 15

6. Desse tempo, quantas horas você fica no Instagram, especificamente? *

Marcar apenas uma oval.

0 a 2

3 a 5

6 a 8

9 a 12

7. O que você costuma fazer no Instagram? *

Marcar apenas uma oval.

Ver o meu feed

Pesquisar assuntos do meu interesse Postar

stories

Interagir com amigos da rede social

Outros

8. Com que frequência você faz posts em suas redes sociais, especialmente, no Instagram? *

Marcar apenas uma oval.

Raramente

Pouco

Às vezes Quase

sempreMuito

Em datas especiais

Não uso muito o Instagram

9. Você tem aulas de literatura na escola? *

Marcar apenas uma oval.

sim

não

10. Nos anos anteriores, antes do primeiro ano do Ensino Médio, você tinha/teve aulas de literatura? *

Marcar apenas uma oval.

sim

não

11. Você gosta de ler? *

Marcar apenas uma oval.

sim

não

12. Você já leu algum livro de literatura? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. Se não questão anterior você respondeu SIM, DIGA QUAL(AIS) LIVROS VOCÊ LEU? *

14. O que você pensa sobre ler literatura no Instagram? *

Marcar apenas uma oval.

- Acho que não seria possível
- Parece uma ideia interessante
- Gostaria de experimentar
- Não gosto de literatura

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

OFICINA DE LEITURA
TEMA: LEITURA LITERÁRIA NO INSTAGRAM

FACILITADORA: DUANA RAVENA VIEIRA
CO-FACILITADORA: ANDRESSA FONSECA

DATA: 11/08 - 19h

19h - Acolhimento:

Recepção dos estudantes e orientação para o início da oficina;

19h15min - Dinâmica de Aquecimento:

Cada estudante receberá uma folha chamex e um pincel e quando autorizado pela facilitadora deverá escrever uma única palavra que defina a sua expectativa para a vivência da oficina de leitura. Quando todos tiverem feito cada um se apresenta e mostra a palavra;

19h45min - Apresentação da pesquisa - base teórica:

Nesta parte a facilitadora/pesquisadora apresentará aos estudantes a sua pesquisa de mestrado;

20h20min - Relatos de experiência dos estudantes:

Fica facultada a palavra aos estudantes para que falem da sua experiência com a leitura, escrita e com o Instagram.

20h40min - ATIVIDADE 1: Cada estudante receberá uma frase de um autor clássico ou contemporâneo, em seguida, se agruparão. Os estudantes com a mesma frase em mãos se juntam e formam um grupo. O grupo terá 15 minutos para pensar sobre a frase, e na sequência, apresentá-la de forma criativa.

21h20 - ATIVIDADE 2: Cada grupo deverá gravar um vídeo com 1 min no máximo de duração falando sobre o que é literatura, é importante que os conceitos sejam construídos por eles, mediante as vivências que possuem ou não.

21h50min - Encerramento:

Avaliação da oficina proposta.



Blog Divertidamente Literatura

Para criar o blog foi preciso pensar na identidade visual que retratasse a mensagem que queremos levar, pensei em algumas coisas junto de uma profissional de artes visuais e depois, seguimos os passos necessários para criação do blog:

- Pesquisar e escolher o tema e o nome do seu blog;
- Registrar o domínio. Por exemplo: www.nomedoseublog.com.br. Isto é necessário para que não existam nomes de projetos iguais; (Nesta etapa, fizemos uma pesquisa de preços dos pacotes para ver qual atendia melhor a nossa demanda);
- Encontrar uma plataforma para alojar o seu domínio;
- Começar a produzir os conteúdos e cartazes/cards para as postagens;
- Interagir com os leitores.
- Anotar as ideias surgidas das interações.

O blog tem muita sintonia com tudo que pensamos, lemos, pesquisamos e estudamos ao longo da construção desta dissertação. Queremos que a nossa marca contribua para a formação de leitores literários e que seja lembrada pelos professores e estudantes como um espaço de novos caminhos, novas ideias e soluções. Além disso, precisamos que o Blog Divertidamente Literatura no Instagram passe confiança aos leitores.

Apresentamos abaixo os endereços de acesso ao blog e ao Instagram que são produtos desta dissertação de mestrado:

 <https://divertidamenteliteratura.blogspot.com/>

 [_@divertidamenteliteratura](https://www.instagram.com/divertidamenteliteratura)



Divertidamente
Literatura 





Blog Divertidamente Literatura

Algumas publicações



"Há alguns meses estamos nos dedicando a falar para vocês sobre a autoficção e sobre o Instagram como suporte de leitura, estamos reunindo pensamentos de autores que discorrem sobre esse tema. Mas, além disso queremos mostrar a autoficção na prática. Então, prepare-se! Pois, neste mês de novembro lançaremos quadros aqui com textos de pesquisadores e com recortes de entrevistas sobre os temas abordados em nosso blog!!!"



"A tarefa do escritor é permitir que realidade e ficção se interpenetrem.

O escritor sempre parte da sua experiência; sempre fala, em alguma medida, de si mesmo. Ele transforma realidade em ficção — e usa, como filtro, o seu olhar.

Na verdade, os próprios escritores realistas — com sua pretensão de esquadrihar sem lirismo o real, de forma objetiva, sem utilizar simbolismos — repetiram o que a ficção faz há séculos: filtraram a vida utilizando uma simbólica pessoal, uma forma particular de entender a realidade.

[...]

Autoria de Rodrigo Gurgel."



"A autoficção se destaca entre as chamadas escritas de si, pelo fato de mesclar nas linhas de sua narrativa dois aspectos que, tradicionalmente, são considerados antagônicos: o real e o ficcional. O destaque é a ambiguidade dos fatos e a indecisão do leitor entre o que está sendo contado, que parte é verdade e o que é falso.

Gostou? Curti, comenta e marca um amigo que vai gostar desse conteúdo!"



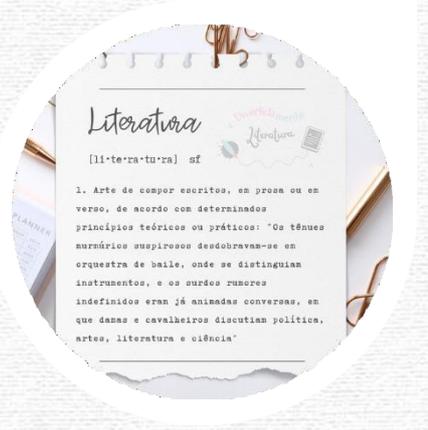
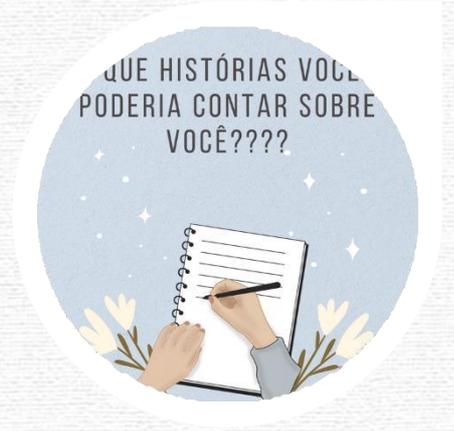
Divertidamente
Literatura





Blog Divertidamente Literatura

Resumo de publicações



ANEXOS

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A AUTOFICÇÃO NAS REDES SOCIAIS: um indicativo de novos caminhos para a formação de leitores literários na Educação Básica

Pesquisador: DUANA RAVENA DOS SANTOS VIEIRA

Versão: 3

CAAE: 59076122.5.0000.8707

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 055517/2022

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto A AUTOFICÇÃO NAS REDES SOCIAIS: um indicativo de novos caminhos para a formação de leitores literários na Educação Básica que tem como pesquisador responsável DUANA RAVENA DOS SANTOS VIEIRA, foi recebido para análise ética no CEP Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB em 27/05/2022 às 14:20.

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP

Bairro: Renascença

CEP: 65.075-441

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)4009-7074

E-mail: cep@undb.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O seu filho(a), ou o menor sob sua responsabilidade, está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: **REDES SOCIAIS, LEITURA E LITERATURA: formação de leitores literários no primeiro ano do Ensino Médio**, desenvolvida pela pesquisadora responsável Duana Ravena dos Santos Vieira, mestranda da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, sob orientação da Dra. Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho.

Os objetivos deste estudo consistem em identificar estratégias eficazes para a formação de leitores literários no primeiro ano do Ensino Médio. A participação dele(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. Este questionário não apresenta nenhum risco à saúde ou dano moral, porém se ele(a) sentir desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse poderá interromper a participação e, se houver interesse, pode conversar com o pesquisador sobre a referida pesquisa.

Você ou seu filho(a) não receberá remuneração pela participação. O tempo para preenchimento não será maior do que 40 minutos. A participação dele(a) poderá contribuir para a implementação de estratégias mais atrativas e eficazes para as aulas de literatura. As suas respostas serão confidenciais (somente os pesquisadores terão acesso) e não serão, em hipótese alguma, divulgadas de forma a possibilitar a identificação do seu filho(a). Os dados da pesquisa serão compilados e interpretados de forma quantitativa e qualitativa. Tais resultados serão comparados com a literatura acadêmica e assim servirá de base para este projeto de pesquisa.

Ao assinar este termo, o(a) Senhor(a) concorda em autorizar o seu filho (a) a participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, não assine o termo.

Duana Ravena dos Santos Vieira – Pesquisadora

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

Dra. Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho - Orientadora

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **A AUTOFICÇÃO NAS REDES SOCIAIS: um indicativo de novos caminhos para a formação de leitores literários na Educação Básica**. Meu nome é Duana Ravena dos Santos Vieira, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Literatura. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail duana.vieira@uemasul.edu.br.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

Essa pesquisa pretende transformar os caminhos para o ensino de literatura no Ensino Médio e a sua participação vai me ajudar a compreender melhor os conflitos que impedem o êxito da formação de leitores literários. São questionários muito fáceis de responder e que não vão tomar muito do seu tempo! A nossa meta é que, pelo menos 100 estudantes, de primeiro ano do Ensino Médio, colaborem com este estudo. Posso contar com você?

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Participante da Pesquisa:

Eu, _____, inscrito(a) sob o RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **A AUTOFICÇÃO NAS REDES SOCIAIS: um indicativo de novos caminhos para a formação de leitores literários na Educação Básica**. Informo ter menos de 18 anos de idade, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pelo pesquisador(a) responsável

Duana Ravena dos Santos Vieira, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Carolina, _____ de _____ de 2022.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



Mestrado
em Letras

Carta do Orientador

Eu, Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho, matrícula nº 6915-3, informo para os devidos fins de direito que **DUANA RAVENA DOS SANTOS VIEIRA**, matrícula nº 202010000067, é minha orientanda no curso de Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, que após conclusão dos créditos, encontra-se em fase final de elaboração da dissertação, tendo o período de dezembro de 2022 como data limite para depósito de seu trabalho de pesquisa.

Imperatriz – MA, 18 de fevereiro de 2022.

ANA CRISTINA TEIXEIRA
DE BRITO

Assinado de forma digital por
ANA CRISTINA TEIXEIRA DE
BRITO CARVALHO:01131035739

CARVALHO:01131035739 Dados: 2022.02.18 15:55:44
-03'00'

Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho
Docente do PPGLe/UEMASUL